

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CÍNTIA RUGNO DE AGUIAR DOS SANTOS

O IMPACTO DO FEMINISMO E O CAMINHAR PARA SI NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO ATRAVÉS DO MESTRADO PROFISSIONAL NA FACULDADES EST

São Leopoldo

2017

CÍNTIA RUGNO DE AGUIAR DOS SANTOS

O IMPACTO DO FEMINISMO E O CAMINHAR PARA SI NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO ATRAVÉS DO MESTRADO PROFISSIONAL NA FACULDADES EST

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e
Diversidade

Orientador: André Sidnei Musskopf

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237i Santos, Cíntia Rugno de Aguiar dos
O impacto do feminismo e o caminhar para si no
processo de formação através do mestrado profissional na
Faculdades EST / Cíntia Rugno de Aguiar dos Santos ;
orientador André Sidnei Musskopf. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2017.
81 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2017.

1. Feminismo e educação. 2. Mulheres – Educação. 3.
Aprendizagem. 4. Faculdades EST. I. Musskopf, André S.
(André Sidnei), 1976-. II. Título.

CÍNTIA RUGNO DE AGUIAR DOS SANTOS

O IMPACTO DO FEMINISMO E O CAMINHAR PARA SI NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO ATRAVÉS DO MESTRADO PROFISSIONAL NA FACULDADES EST

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e
Diversidade

Data: 03 de julho de 2017

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – EST

Edla Eggert – Doutora em Teologia – PUCRS

AGRADECIMENTOS

Gratidão me define. Imensa e extensa gratidão por pessoas que me incentivaram e participaram desse processo de aprendizagem.

Pelo apoio incondicional, por ser um marido companheiro, por sonhar comigo todos os sonhos possíveis e impossíveis, obrigado Fernando. Sem você não conseguiria chegar até aqui.

Pela felicidade de ser mãe, por querer deixar para vocês o incentivo de prosseguir adiante, acreditando que quando temos um objetivo ele pode ser realizado, obrigada Laura e Fernanda. Amor incondicional. Sigam em frente! Vocês são minhas inspirações.

Pela felicidade de ser sua filha, por ter em você meu exemplo de superação e força, obrigada Mãe. Chegar até aqui não foi fácil, e seu apoio foi essencial.

Por toda a nossa história, pelas alegrias e por estarmos sempre juntos, mesmo tão distantes, obrigado Pai, Caio e Cássio.

Pelos dias compartilhados com alegria, pelo incentivo, pelo apoio, pela amizade que se consolidou cada vez mais, obrigada Alice, Andréa, Rosangela, Patrícia e Simone. Sororidade sempre, aprendemos juntas!

Pela concessão parcial da Bolsa de Estudos, contribuindo para que eu realizasse esse trabalho, agradeço imensamente à Igreja da Suécia e à Faculdades EST.

Pelo apoio na realização do Mestrado, agradeço também a Faculdade Internacional do Delta.

Por ter me introduzido no universo feminista. Você me fez enxergar que as mulheres podem e devem lutar juntas, que a luta ganha sentido quando é coletiva. Por isso e muito mais, obrigada querida Edla.

Pelas tantas aulas maravilhosas. Sensível, sempre pronto a colaborar, enxugou lágrimas, provocou sorrisos e deu abraços. Sempre terei você como aquela pessoa que se tem muita satisfação em ter conhecido, de, na verdade, considerar um privilégio ter convivido. Pelos seus lindos olhos azuis também! Por isso e muito mais, obrigada André!

RESUMO

Neste trabalho trago a minha experiência através da imersão no universo feminista. Ela se deu quando iniciei meus estudos no Mestrado Profissional em Teologia na Faculdades EST, na Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade. O feminismo impactou positivamente minha vida pessoal e profissional, portanto, a minha experiência formadora é relatada através desta vivência. A metodologia da socióloga suíça Marie-Christine Josso embasa esse meu contar, tornando-se um instrumento determinante para pensar sobre a minha maneira de estar no mundo, olhando para dois tempos importantes: o caminho que percorri no passado e aquele que eu posso prosseguir no futuro. Neste recorte temporal de minha narrativa de vida, refleti sobre o quanto o feminismo me possibilitou visibilizar o que é ser mulher em uma sociedade androcêntrica, onde o patriarcado predominante submete as mulheres e as mantém reféns num mundo onde os homens ditam as regras. Caminhar para mim, me fez enxergar novas e outras possibilidades de viver, com o conhecimento e o saber se inter-relacionando. Neste trabalho relato também como três importantes mulheres: Christine de Pizán, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir me inspiraram com suas trajetórias e produção. Elas foram consideradas como precursoras do feminismo, mulheres à frente de seu tempo. Em comum essas autoras defendiam a educação como uma forma de independência para as mulheres. O trabalho traz ainda a história do Mestrado Profissional em Teologia e a importância da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade no meu percurso formador.

Palavras-chave: Feminismo, História de vida, Experiência.

ABSTRACT

In this paper, I bring my experience of going through immersion in the feminist universe. It took place when I began my studies in the Professional Master's program at the Faculdades EST in the Research Line: Gender, Feminisms and Diversity. Feminism has positively impacted my personal and professional life. Therefore, my formation experience is told through this life experience. The methodology of the Swiss sociologist Marie-Christine Josso provides a base for my telling, becoming a determining instrument to think about my way of being in the world, looking at two important times: the path I walked in the past and the one which I can follow in the future. In this time cut of my life narrative I reflected about how much feminism has made it possible for me to visualize what is being a woman in an androcentric society, where the predominant patriarchy subjugates women and maintains them hostages in a world where the men dictate the rules. Journeying toward myself made me see new and other possibilities of living, with knowledge and wisdom inter-relating. In this paper, I also tell how three important women: Christine de Pizán, Mary Wollstonecraft and Simone de Beauvoir inspired me with their trajectories and production. They were considered precursors of feminism, women ahead of their time. These authors had in common the defense of education as a form of independence for the women. Besides this, the paper presents the history of the Professional Master's program and the importance of the Research Line in Gender, Feminisms and Diversity in my formation journey.

Keywords: Feminism, Life History, Experience

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 AS VIVÊNCIAS E AS EXPERIÊNCIAS NO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA NA FACULDADES EST	19
1.1 Caminhando para mim.....	19
1.2 A descoberta do Mestrado Profissional em Teologia e da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade	23
2 GRANDES SEMEADORAS DO FEMINISMO.....	35
2.1 Christine, Mary e Simone: todas nós e elas!.....	35
2.2 Christine de Pizán.....	39
2.3 Mary Wollstonecraft.....	42
2.4 Simone de Beauvoir	44
2.5 O feminismo como possibilidade de mudança.....	47
3 EU, FEMINISTA?.....	51
3.1 E o caminhar continua.....	51
3.2 Novas aprendizagens conscientes	58
3.3 Sejamos todas e todos feministas	63
3.4 Caminhando para mim com a consciência de ser uma mulher feminista	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

O feminismo aconteceu para mim. Impactou de tantas formas, e, diante das mudanças que provocou, me senti motivada a contá-las. Minhas percepções, hoje mais aguçadas, me fazem rever minha própria história e minhas experiências enquanto mulher. Por isso, vou recordar e analisar essa trajetória iniciada recentemente.

Voltar ao passado às vezes é necessário. Remexer as memórias, relembrar o quase esquecido é como desafiar o tempo para que ele me faça sentir novamente sentimentos e sensações. Sua lembrança é a história que evoca minha passagem pela vida. Os moldes foram definidos pelo tempo e por mim que os adaptei e dei a cadência para meu caminhar. Essa caminhada foi passando por tropeços, pelas pedras presentes no percurso, pelo cair e levantar e pelos arremessos para dias melhores. Vivências e experiências que desejo celebrar através desse contar. Vida que pede passagem para descobertas e para os “desvios” que me fortalecem como mulher.

Pode ser mais uma entre tantas outras histórias, mas, por representar minha **experiência formadora**¹ essa narrativa poderá traduzir-se num autoconhecimento que entrecruzar o passado, o presente e o futuro. Socializar minha aprendizagem enriquecerá minha vivência e “contar a mim mesma” dará mais sentido ao meu caminhar. Para tanto é que revisito a caminhada que me levou de encontro ao feminismo.

Sou do tempo em que a “família ideal” era regida pelo homem, patriarca inquestionável e que encerra discussões. Ainda sou fruto de uma sociedade machista que determina papéis, que define posturas aceitáveis, que padroniza comportamentos, que pouco reconhece a mulher, que estereotipa, desqualifica e reprova qualquer uma que transgrida o instituído e o esperado. Para as mulheres existe apenas o doce lar, o cuidar e zelar, o amor como única alternativa viável de felicidade plena num espaço demarcado e considerado como um privilégio. “Ser

¹ Veja JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. São Paulo: Cortez, 2004. A autora afirma que “falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é ‘vivido’ na continuidade temporal do nosso psicossomático. O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideiação” (p. 48).

uma boa mulher”, “boa mãe”, “boa esposa”, “fiel e zelosa”, “exemplo a ser seguido” são os papéis que as mulheres devem reproduzir.

Reproduzi durante mais de 43 anos o que uma mulher deveria fazer. Nunca foi difícil porque era o que eu sabia ser “natural”. Entendia que eram papéis desempenhados pelas mulheres. Quando adentrei no espaço público, o privado estava resguardado, sabia como lidar, como dar “conta do recado”. Minha mãe me ajudou muito, e outras mulheres também me auxiliaram nos cuidados da casa e das minhas filhas.

Fui subindo os degraus, fui seguindo um caminho. Num certo momento, ele, o caminho, me mostrou novas possibilidades. Como pedagoga, trilhei espaços na educação pública, no ensino fundamental, médio e EJA. Como assistente social em instituições privadas, tive a experiência de docente no curso de graduação. Precisei buscar capacitação via inserção no Mestrado para continuar atuando no ensino superior.

Chegou o momento da mudança. De refletir como e o quanto o feminismo impactou e ainda impacta minha vida. De saborear um novo modo de viver. De enxergar-me como mulher num espaço só meu e de enxergar-me em outras mulheres também. De pensar, como afirma Gebara, a partir da experiência.² Das experiências valorosas que o Mestrado Profissional em Teologia me proporcionou e ainda proporciona. E essa mudança diz respeito a uma história que verdadeiramente encontrou no feminismo um novo e outro sentido em pensar sobre a existência e o conhecimento. Compartilharei essas experiências para o meu fortalecimento e para o de outras mulheres também.

As discussões sobre Gênero permeiam essa narrativa e são importantes quando se discute sobre o feminismo. Analisarei também de como a sociedade procura dar conta dos nossos corpos, de como lida com os processos reprodutivos e das diferenças corporais. Quando se pensa e se discute sobre gênero na sociedade, na maioria das vezes, se discute a partir de uma divisão biológica entre mulheres e homens e de diferenças sociais ou psicológicas que a essa divisão corresponde. Connell e Pearse entendem, que em seu uso mais comum, o termo gênero: “significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos. A dicotomia e a diferença são a substância dessa ideia. Os

² GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. Tradução de Jacqueline Castro. – São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 36.

homens são de Marte e as mulheres são de Vênus”³. Mas, as mesmas autoras fazem objeções a essas definições: “A vida humana não se divide apenas em duas esferas, nem o caráter humano se divide apenas em dois tipos. Nossas imagens de gênero são quase sempre dicotômicas, mas a realidade não o é”.⁴

Nesse sentido, as autoras que li enfatizam que “a chave é mudar o foco, parando de focar diferenças rumo a um enfoque nas relações. Acima de tudo, o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam”.⁵ É necessário problematizar e refletir sobre essas questões.

E seguindo a proposta de Marie-Christine Josso, o processo de narrar minha trajetória, de visibilizar uma experiência formadora, representa um “caminhar para si”⁶. E esse trabalho é o resultado desse processo de narrar a própria história e refletir sobre ela, e está estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo inicio apresentando a metodologia de Marie-Christine Josso, que aborda as “narrativas de histórias de vida”, como elemento biográfico fundamental para a busca de sentido, no “caminhar para si”. Assim, o sujeito que elabora a narrativa compreende sua formação e seu papel como sujeito dessa formação. O objetivo deste capítulo também é trazer informações sobre o Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST. Relato a trajetória da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade como resultado da implantação da Cátedra de Teologia Feminista e, posteriormente, da criação do Programa de Gênero e Religião nessa instituição. A minha inserção no Mestrado Profissional e as experiências vivenciadas com as discussões e reflexões promovidas pela Linha de Pesquisa foram as que me motivaram a contar minha história. Este é o contexto em que me situo e que conto minha experiência formadora.

No segundo capítulo apresento três mulheres consideradas precursoras do feminismo: Christine de Pizán, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir. Elas defenderam o direito à educação das mulheres e suas histórias e construções teóricas me impactaram e influenciaram, pois promoveram através de seus escritos, a luta por uma educação que superasse as desigualdades de gênero. Se hoje tenho a possibilidade de discutir sobre a justiça de gênero, de questionar sobre a

³ CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015, p. 46.

⁴ CONNELL, 2015, p. 46.

⁵ CONNELL, 2015, p. 47.

⁶ JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para si*. Trad. Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

dominação das mulheres, as contradições, os antagonismos e os conflitos que implicam, reconheço o quanto essas três mulheres desafiaram as normas e as regras de seu tempo e deixaram um importante legado para todas e todos nós.

O terceiro e último capítulo conta sobre o impacto do feminismo em minha vida, através da experiência formadora propiciada pelo Mestrado Profissional em Teologia, mais especificamente na Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade. Seguindo esses passos e, embasada na metodologia de Marie-Christine Josso, realizei uma caminhada para mim, olhando para o passado, vivenciando o presente e refletindo sobre o futuro.

1 AS VIVÊNCIAS E AS EXPERIÊNCIAS NO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA NA FACULDADES EST

Início esse trabalho abordando a teoria de Marie-Christine Josso e sua metodologia, que busca dar sentido ao processo formativo ao relacioná-lo com os processos de conhecimento e de aprendizagem construídos ao longo da trajetória de vida do sujeito. Trago, também, uma descrição sobre o que é o Mestrado Profissional, como ele surgiu na Faculdades EST, a trajetória da Cátedra de Teologia Feminista na Instituição que culminou no Programa de Gênero e Religião e o início da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade.

Ao trazer esses elementos, situo teoricamente a proposta desenvolvida ao longo do trabalho, assim como o contexto no qual se desenrola aquilo que chamo de experiência formadora, que desencadeou um processo de caminhar para mim. Além de situar essa construção num campo teórico específico, essa apresentação situa o contexto no qual a experiência formadora se deu. Essa descrição não é somente uma forma de situar a minha experiência, mas já é, ela mesma, parte da reflexão sobre essa experiência e daquilo que a torna significativa na minha trajetória de formação.

1.1 Caminhando para mim...

Marie-Christine Josso é minha âncora. Introduziu-me no conhecimento das narrativas de vida centradas na formação, nas vivências que se transformam em experiências⁷. Precursora da pesquisa-formação, tema apresentado em sua tese de doutoramento, Marie-Christine Josso é socióloga, antropóloga, doutora em Ciências da Educação, autora de *Experiência de Vida e Formação* e *Caminhar para si – Cheminer vers soi* – título original de sua tese publicada em 1988, na qual ela aplicou em si mesma sua metodologia. Clarita Varella apresenta a seguinte reflexão sobre a metodologia experienciada por Josso:

⁷ Segundo JOSSO, 2010, p. 266, “os termos vivência e experiência são utilizados quase que indiferentemente para designar atividades, situações, acontecimentos nos quais a pessoa implicada está em um nível ou outro. O termo vivência para autora designa o conjunto dessas implicações ou interações semeadas diariamente ao longo de nossas vidas. Já o termo experiência é empregado para designar a atividade específica que consiste em analisar uma ou várias vivências para delas extrair conhecimentos e/ou informações”.

A objetivação das experiências fundadoras é a via de acesso ao processo de formação. O desvelamento de como a autora orientou suas escolhas evidencia sua intencionalidade, e a epistemologia emerge das atribuições de sentido. Ao relacionar os fatos, acontecimentos e situações de sua trajetória de vida e o processo de conhecimento construído intelectualmente, demonstram que o sujeito aprendente e cognoscente é que está em formação e orienta a pesquisa-formação.⁸

Segundo a autora, Josso descreve que a experimentação acontece de forma natural, é um processo no qual o sujeito é receptor de sua própria experiência, que será registrada, e sua percepção acontecerá à medida do seu experienciar, do seu degustar, de sua compreensão. Ao tomar consciência de suas experiências formadoras o sujeito passa, então, a emergir como um referencial experiencial em sua singularidade, se fundamentando em suas ideias e pensamentos que replicarão em suas ações e intervenções no contexto no qual está inserido.⁹

Ao abordar os gêneros de conhecimento e os processos de aprendizagem, Josso reforça a elaboração do percurso intelectual na diversidade das aprendizagens, na tomada de consciência. A tomada de consciência, para a autora, é uma capacidade do sujeito, indicativa da sua presença ativa e ferramenta mental de sua autonomização. Ela é extraída dos saberes teóricos e do conhecimento das próprias experiências. As duas fontes de conhecimento se inter-relacionam, mas preservam sua polaridade, mesmo em seus questionamentos. A autora atribui a palavra “conhecimento” à fonte experiencial e “saber” à fonte teórica ou à experiência de outras pessoas. Segundo a autora:

O conhecimento implica a presença de um sujeito individual que experimente um saber já constituído ou que tira reflexões de uma vivência, ou ainda que alimenta uma reflexão sistemática por uma experiência. A noção de experiência é que faz a diferença.¹⁰

Josso atenta, ainda, para o fato de que “como os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem são inobserváveis do exterior, sua descrição e sua compreensão devem passar pela capacidade dos participantes de fazê-lo por si mesmos”¹¹. Nesse sentido, “essa capacidade de auto-observação e de explicitação

⁸ VARELLA, Clarita Eveline Moraes. Caminhar para si palavra chave na vida espiritual, existencial e intelectual da autora Marie-Christine Josso. *Poíesis Pedagógica* - V.8, N.2 ago/dez. 2010; pp.199-204.

⁹ VARELLA, 2010, p. 200.

¹⁰ JOSSO, 2010, p. 270.

¹¹ JOSSO, 2010, p. 316.

implica uma aprendizagem em si”¹², mesmo que estejam à disposição outras competências. A autora entende que a formação intelectual pressupõe um desenvolvimento das capacidades reflexivas, numa plena integração de referenciais de pensamento e de ação que antes se mantinham na insipiência, mas, que, com essa percepção aguçada e desenvolvida, se traduz numa melhoria individual e coletiva no que se refere à qualidade de vida.

Assim, através de uma incursão na experiência intelectual e existencial, fui percebendo o desenvolvimento dessas capacidades, e não imaginava que um dia as coisas que vivenciei pudessem virar experiências que, quando refletidas, se traduzissem em conhecimento e saber. Por isso, elaborar a minha própria narrativa “é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade”.¹³

Também não imaginava que essa narrativa pudesse ter significado para outras pessoas. O que se aprende ao longo da vida pode trazer um novo sentido e nem sempre dimensiona como determinados momentos guiam para outros rumos e novas percepções. As pessoas mudam com o tempo e ele ensina. E eu tampouco imaginava que o já vivido pudesse um dia representar algo tão importante para mim. É a vida que quando dá um significado até então despercebido, transforma e continua transformando. Trata-se do “caminhar para si”, como ensina Josso:

O sujeito que constrói sua narrativa e que reflete sobre sua dinâmica é o mesmo que vive sua vida e se orienta em cada etapa. Dizer isso equivale a colocar o sujeito no centro do processo de formação. É fazer dele o escultor de sua existência, mesmo se o material sobre o que trabalha impõe exigências conhecidas ou inesperadas.¹⁴

Numa análise retrospectiva, na tomada de consciência que o pensamento provoca, no espraçamento das leituras possíveis a partir de uma experiência, em sua pluralidade e evolução, Josso designa de “visão de mundo” ou “cosmologia pessoal”¹⁵, o que particularmente cada pessoa elabora, constrói e interioriza em si mesma, diante da sua necessidade de dar sentido ao que vivenciou, o modo que realiza o seu caminhar, na sua cadência, com outras pessoas, no meio natural e humano genérico.

¹² JOSO, 2010, p. 316.

¹³ JOSO, 2014, p. 60.

¹⁴ JOSO, 2010, p. 195.

¹⁵ JOSO, 2004, p. 72.

Destarte, iniciando minha “história de vida e formação”, trago uma indagação inicial: por que não soube antes? Entre lamentos e certezas a famosa frase: “Antes tarde do que nunca”, me pareceu quase que um alento para minha inquietação. Certeza de que o tempo me presenteou ao me mostrar o “mundo das mulheres”, me desalienando de uma vivência cotidiana que me pareceu claramente um jogo de claro-escuro, dualista, que me ocultava e que agora me desvenda e liberta. A relevância do feminismo em minha vida passou a ser fecunda quando percebi que posso escrever outra história e que outros propósitos se fazem presentes.

Foi numa manhã fria de julho do ano de 2015. Algumas lembranças pontuam aquele momento: a beleza típica do sul do Brasil que encantava os olhares, a hospitalidade das pessoas do “Morro do Espelho”¹⁶ que dava a certeza de que a educação e a cultura de um povo são seu maior tesouro, as roupas de inverno que nos aqueciam sobremaneira, a acolhida na meditação de boas-vindas aos e às estudantes e que nos dava a cadência do curso, as cores, as pessoas, as sensações que ficaram retidas em minha memória. Não era bem o Mestrado em Teologia que eu imaginava fazer, principalmente por que a religiosidade para mim sempre foi uma questão dolorosa para ser discutida. Minha formação acadêmica em Pedagogia e Serviço Social me levou a escolher, influenciada pelo segundo curso, o mestrado em Políticas Públicas na UFPI (Universidade Federal do Piauí) o qual se mostrou, na primeira tentativa, frustrante e desgastante. Talvez por essa questão, pelo meu descontentamento, tenha chegado com muitas expectativas, apostando que se não fosse o que esperava poderia então desistir da jornada que se iniciava. Já tinha as desculpas necessárias caso houvesse necessidade, mas no fundo queria mesmo me “surpreender positivamente”. E assim foi.

A linha de pesquisa foi a princípio o que mais me motivou. A discussão sobre gênero estava e ainda está em evidência e a curiosidade me fez decidir optar pela mudança de linha. Como o processo de seleção inicial havia sido realizado no semestre anterior à criação da linha de pesquisa “Gênero, Feminismos e Diversidade”, e eu havia escolhido a linha de pesquisa Ética e Gestão. Hoje certamente acredito que, toda escolha, por mais inconsciente que seja tem uma lógica, porque o acaso mesmo que muitas vezes não nos pareça proposital, tem um sentido. E o sentido foi se apresentando para mim.

¹⁶ Morro do Espelho: é um bairro da cidade de São Leopoldo onde está situada a Faculdades EST.

A palavra “feminista” me amedrontava e os estereótipos definidos para as “militantes das causas das mulheres” não eram os mais sedutores. Mesmo com algumas resistências, novamente a curiosidade me fez prosseguir segura na escolha. Senti-me literalmente “caindo de paraquedas” num universo desconhecido e fascinante. O que é novo traz, às vezes, alguma insegurança. Sentia que deveria perceber e entender melhor o que aquele ambiente e aquelas pessoas me diziam para então me posicionar.

A pequena turma se reuniu. Éramos apenas quatro alunas: três assistentes sociais e uma enfermeira. Nós quatro, a professora Edla Eggert e o professor André Musskopf. A acolhida me trouxe uma sensação de conforto.

1.2 A descoberta do Mestrado Profissional em Teologia e da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade

Tomando como ponto de partida a minha incursão no Mestrado Profissional em Teologia e, mais especificamente, na Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, inicio o processo de contar essa experiência. Entender algumas particularidades da trajetória que culminou nesta Linha de Pesquisa é importante para que se reflita sobre como as discussões teológicas feministas e de gênero se deram nesta instituição de ensino, especialmente na Pós-graduação. Nesse sentido, contar a história da EST, da Cátedra de Teologia Feminista e do Programa de Gênero e Religião possibilita visibilizar o cenário que adentrei e que desencadeou em mim a motivação para compartilhar essas vivências. Principalmente, por serem significativas no meu percurso formativo e por terem me impactado fortemente.

O mestrado profissional - MP é uma modalidade de Pós-graduação *scritto sensu* regulamentada pela Portaria Normativa nº 17 de 28 de dezembro de 2009, que objetiva a capacitação de profissionais, em áreas distintas do conhecimento e que tenham temáticas voltadas para o mercado de trabalho.

Seu objetivo é contribuir com o setor produtivo nacional no sentido de agregar um nível maior de competitividade e produtividade a empresas e organizações, sejam elas públicas ou privadas. Conseqüentemente, as propostas de cursos novos na modalidade Mestrado Profissional devem apresentar uma estrutura curricular que enfatize a articulação entre

conhecimento atualizado, domínio da metodologia pertinente e aplicação orientada para o campo de atuação profissional específico.¹⁷

Segundo Renato Janine Ribeiro, diretor de Avaliação da CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - “no MP o que se pretende é imergir um pós-graduando na pesquisa, fazer com que ele a conheça bem”, ressaltando alguns pontos essenciais:

O que importa é que ele (1) conheça por experiência própria o que é pesquisar, (2) saiba onde localizar, no futuro, a pesquisa que interesse a sua profissão, (3) aprenda como incluir a pesquisa existente e a futura no seu trabalho profissional. Nada disso é trivial. O terceiro ponto é, por sinal, razoavelmente difícil.¹⁸

O Mestrado Profissional tem sua ênfase nos estudos e técnicas que se voltam ao desempenho de um alto nível de qualificação profissional. Portanto, essa é a única diferença em relação ao Mestrado Acadêmico. As duas modalidades de Mestrado conferem o exercício da docência, assim como idênticos grau e prerrogativas. O Parecer CNE/CES 0079/2002 diz sobre a validade nacional do diploma, e que o mesmo está condicionado ao reconhecimento prévio do curso, como em todo programa de pós-graduação *scrito sensu*.

O MP responde a uma necessidade socialmente definida de capacitação profissional de natureza diferente da propiciada pelo mestrado acadêmico, mas não se constitui, de forma alguma, em uma alternativa para a formação de mestres segundo padrões de exigência mais simples ou mais rigorosos do que aqueles tradicionalmente adotados pela pós-graduação. Assim, o mestrado profissional (MP) não pode ser entendido como um mestrado facilitado. O MP pertence à pós-graduação *stricto sensu*, avaliada pela Capes, diferentemente da pós-graduação *lato sensu*, ou especialização, que não passa pelos critérios rigorosos da Capes. A especialização é uma atualização de conhecimentos. Já o mestrado, de qualquer espécie, exige que a pessoa pesquise.¹⁹

Na Faculdades EST o Mestrado Profissional em Teologia foi autorizado pela CTC – Comissão Técnica Consultiva da CAPES - em 2002. O curso teve seu reconhecimento através da Portaria Ministerial (MEC 1077 DOU 13/09/2012) e obteve a nota 4 pela avaliação da CAPES, em uma escala de 1 a 5. Seu

¹⁷ Ver mais sobre Mestrado Profissional em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>>. Acesso em 24/03/2017.

¹⁸ Sobre a diferença entre Mestrado Profissional, Mestrado Acadêmico e Doutorado: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/artigos/Artigo_30_08_07.pdf>. Acesso em 24/03/2017.

¹⁹ Para aprofundamento da questão: <<http://www.esag.udesc.br/?id=1152>>. Acesso em 24 de março de 2017.

reconhecimento era renovado a cada triênio, sendo, atualmente, a cada quadriênio.²⁰

A Faculdades EST está situada no Bairro Morro do Espelho, na cidade de São Leopoldo, RS, é uma Instituição de Ensino Superior com ênfase na formação acadêmica e na pesquisa científica, tanto nas áreas de graduação, pós-graduação, ensino profissionalizante e extensão. Bacharelado em Musicoterapia e Licenciatura em Música são outros cursos oferecidos na instituição. Destacam-se ainda, estudos nos campos das ciências humanas, ciências sociais aplicadas, linguística, letras, artes e saúde. A EST vincula-se à Rede Sinodal de Educação e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A instituição tem grande relevância e excelente conceituação na América Latina e é considerado um importante centro de formação e pesquisa teológica no Brasil. Fomenta a produção, a difusão e o intercâmbio científico, artístico e cultural.²¹

A história da Faculdades EST, em especial do Bacharelado em Teologia, está intimamente relacionada com a imigração alemã no sul do Brasil. A partir de 1824, um número expressivo de alemães de confessionalidade luterana chegou ao sul do país, iniciando o trabalho de edificação de comunidades. Inicialmente, esse trabalho era feito por pessoas leigas, ou por pastores vindos do exterior. Logo, sentiu-se a necessidade de uma formação teológica em terra brasileira. [...] Em 26 de março de 1946 foi constituída a primeira "Escola de Teologia" da IECLB. [...] Em 1984, a Faculdade de Teologia passou a constituir a Escola Superior de Teologia (EST). A EST surgiu abrigando cinco institutos: Faculdade de Teologia, Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa (atual Programa de Pós-Graduação em Teologia), Instituto de Educação Cristã, Instituto de Capacitação Teológica Especial e Instituto de Pastoral. Posteriormente, foram criados o Instituto de Música e o Instituto de Formação Diaconal, a Escola Sinodal de Educação Profissional (ESEP) e o Instituto Superior de Música de São Leopoldo (ISMSL). Em 2007, o regimento geral foi reformulado, visando integrar o IEPG, a ESEP, o ISM e a EST numa única instituição de ensino superior, sob a marca Faculdades EST, com seus respectivos cursos.²²

A reflexão teológica feminista tem estado presente na EST há muito mais de vinte anos e faz parte da identidade da instituição. A Cátedra de Teologia Feminista foi instituída no ano de 1991, com a contratação da Professora Wanda Deifelt, que se dedicou integralmente ao desenvolvimento e ampliação dessa discussão. A Cátedra de Teologia Feminista promoveu discussões e intensa mobilização

²⁰ Informações obtidas no: *Documento Mestrado Profissional em Teologia*, disponibilizado através da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST.

²¹ FACULDADES EST. *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/apresentacao>>. Acesso em: 4 de abril de 2017.

²² FACULDADES EST. *História*. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/historia>>. Acesso em 4 de abril de 2017.

estudantil. Diversas ações realizadas em conjunto com estudantes e corpo docente tanto no âmbito acadêmico quanto para além dele, estimularam a inserção social em grupos e instituições que debatiam sobre a participação de mulheres na sociedade, nas igrejas e na produção teológica. Os debates propostos pela teologia feminista e as discussões de gênero na Faculdades EST, alinhados com o movimento feminista no contexto mundial, enfrentaram resistências quanto a sua implementação, mas, se mostraram imprescindíveis e se fortaleceram cada vez mais. Destarte, afirmou-se a relevância da Cátedra de Teologia Feminista, no sentido de promover a justiça social através da inserção dessas discussões na academia.²³

Com a finalidade de renovação nas discussões nesta área, foi realizada, através de um Grupo de Trabalho convocado pela Reitoria da Faculdades EST em 2007, uma avaliação da Cátedra de Teologia Feminista. Um novo formato foi proposto para que as discussões se ampliassem e garantissem o compromisso da Instituição com a temática e a própria institucionalidade de suas ações. O grupo de avaliação foi composto por diversos segmentos: egressos/as da instituição, estudantes de graduação e pós-graduação, outras pessoas que se identificavam com a proposta, pessoas de outras instituições de ensino, a titular da Cátedra e a própria Reitoria. Também foi realizado o Seminário: *Teologia Feminista – trajetórias, diálogos, rupturas e horizontes*, e, assim, através dessas iniciativas, criou-se a proposta de constituição do “Programa de Gênero e Religião”.²⁴

O “Programa de Gênero e Religião” tem, como objetivo principal, o desenvolvimento de atividades sobre a teologia feminista, assim como também sobre as questões de gênero, relacionando-as com o tema religião na Faculdades EST, garantindo a transversalidade dessas questões através do ensino, da pesquisa e da extensão. Sua missão é a promoção de condições de igualdade de gênero e de relações justas, tanto no âmbito acadêmico quanto em sua inserção social, embasado nos referenciais feministas e de gênero, reconhecendo a diversidade e a pluralidade dos sujeitos. Diversas atividades foram e ainda são realizadas através do Programa de Gênero e Religião. Entre várias, há um grande destaque para a construção coletiva da Política de Justiça de Gênero da Faculdades EST, tendo sido aprovada no ano de 2015, num processo iniciado em 2014. É uma referência entre

²³ Para obter mais detalhes consultar o documento: *Projeto de implantação do “Programa de Gênero & Religião” (2009-2011)*. Disponibilizado pela Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

²⁴ Ver: *Projeto de implantação do “Programa de Gênero & Religião” (2009-2011)*.

as Instituições de Ensino Superior no Brasil e América Latina e marca o compromisso da Instituição com a ampla discussão sobre a temática, em todos os seus âmbitos.²⁵

O Programa de Gênero e Religião está situado no Espaço Diversidade, que reúne também o Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos, o Grupo Identidade de Negros/as, o Conselho de Missão entre Índios (COMIN) e o Setor de Intercâmbio de Estudantes. Essa descrição permite entender que esse espaço é de constante interação e articulação entre os saberes, desenvolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão.²⁶

No âmbito da pesquisa, um dos destaques é a Revista Eletrônica “Coisas do Gênero”, um periódico eletrônico semestral do NPG – Núcleo de Pesquisa de Gênero e do Programa de Gênero e Religião da EST, com abordagem em estudos feministas em gênero e religião. Em 2015, ano de início da revista, o volume 1, nº 1, trouxe como tema: *Dossiê: 25 Anos de Teologia Feminista na Faculdades EST*. Já o volume 1, nº 2, a temática desenvolvida foi: *Teologia e Sexualidade, Saúde Reprodutiva e Direitos*. Em 2016, o volume 2, nº 1, tratou do tema: *Política e Poder* e o volume 2, nº 2, desenvolveu o tema: *Educação e Narrativas (AUTO) Biográficas*²⁷. Outras publicações merecem destaque: *À flor da pele – ensaios sobre gênero e corporeidade*²⁸; *Corporeidade, etnia e masculinidade – Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*²⁹; *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*³⁰; *Ainda feminismo e gênero - Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas,*

²⁵ Plano de Implementação 2015 do Projeto: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe (2014-2016). Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 16 de abril de 2017.

²⁶ Informação através do documento: *Projeto Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe*. Esse documento foi disponibilizado pela Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

²⁷ COISAS DO GÊNERO é um periódico eletrônico semestral do Núcleo de Pesquisa de Gênero e do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 16 de abril de 2017.

²⁸ STROHER, Marga Janete (Org.); DEIFELT, Wanda. (Org.); MUSSKOPF, André (Org.). *À flor da pele - Ensaio sobre gênero e corporeidade*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004.

²⁹ STROHER, Marga Janete (Org.); MUSSKOPF, André (Org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade - Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

³⁰ NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2008.

religião e teologia³¹; O extermínio de adolescentes e jovens nas regiões Leste e Nordeste de São Leopoldo³²; Querida Ivone – Amorasas cartas de teologia & feminismo³³; Ivone Gebara: Doutora Honoris Causa³⁴ e Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST: A construção de uma área do conhecimento.³⁵

O Projeto *Reconstruindo Pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe* – projeto financiado pela Igreja da Suécia - buscou a consolidação do Programa de Gênero e Religião como referência em educação teológica no campo da Teologia Feminista e nos estudos de Gênero, através do ensino, pesquisa e extensão. O *IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*³⁶, realizado no ano de 2015, trouxe grande visibilidade para o PGR, tendo em vista a grande participação de estudantes, lideranças de movimentos eclesiais e sociais, pesquisadoras e pesquisadores, reunindo cerca de 400 pessoas. Com a temática: “História, Saúde e Direitos” o Congresso incentivou a pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento, com importantes interlocuções entre Brasil e América Latina.³⁷

O Programa de Gênero e Religião tem extrema relevância e sua criação procurou “unificar e desenvolver as atividades e políticas institucionais sobre a teologia feminista e questões de gênero na sua relação com o tema da religião na Faculdades EST”³⁸. Assim:

³¹ MUSSKOPF, André (Org.); BLASI, Marcia (Org.). Ainda feminismo e gênero - Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia. 1. ed. São Leopoldo: CEBI, 2014.

³² MUSSKOPF, André. O extermínio de adolescentes e jovens nas regiões Leste e Nordeste de São Leopoldo: In/Conclusões. In: André Sidnei Musskopf; Jaira Adriana Garske; Odete Zanchet [et al.]. (Org.). Desvelando percepções de uma realidade: O extermínio de adolescentes e jovens. 1ed.São Leopoldo: CEBI, 2014

³³ CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Org.). Querida Ivone - Amorasas cartas de teologia & feminismo. 1ed. São Leopoldo: CEBI, 2014.

³⁴ SCHUCHARDT, Ketlin Laís; SENGER, Sabrina (Orgs.). Ivone Gebara: Doutora Honoris Causa. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2014. 69 p.

³⁵ MUSSKOPF, André. Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: A construção de uma área do conhecimento. 1. ed. São Leopoldo: CEBI, 2014.

³⁶ Desde 2004 acontecem os Congressos Latino-Americanos de Gênero e Religião organizados pelo NPG. Em 2004 o I Congresso teve como tema: “Etnia, Corporeidade e Masculinidade”; em 2006 o II Congresso abordou a temática: “Epistemologia, sexualidade e Violência” e em 2009 o III Congresso o tema foi: “Est[ética] e Direitos Humanos”. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/congresso-latino-americano-de-genero-e-religiao>>. Acesso em: 09 de maio de 2017.

³⁷ Ver mais informações detalhadas no documento: Relatório Narrativo Anual 2015 do Projeto Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe (2014-2016).

³⁸ FACULDADES EST. Projeto de Implantação do “Programa de Gênero e Religião”. Arquivos do Núcleo de Pesquisa de Gênero, 2008.

O Programa de Gênero e Religião é um espaço articulador das lutas históricas dos movimentos de mulheres, de maneira especial no campo da Teologia, mas, simultaneamente, desde uma perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, fundamenta-se nas teorias e conceitos desenvolvidos no âmbito dos estudos de gênero, questionando as estruturas responsáveis pela construção das desigualdades entre homens e mulheres de modo específico, e motivadas pelos diversos entrecruzamentos de pertença social de maneira ampla. Por isso, incorpora as teorias de gênero como instrumental de análise e crítica dessas estruturas, capaz de evidenciá-las nas relações cotidianas e também nas formas de produção de conhecimento e do conhecimento legitimado como hegemônico.³⁹

O PGR foi o grande impulsionador na construção da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, pois objetivava desenvolver cursos de Pós-Graduação na área de Teologia Feminista e Estudos de Gênero. No Plano de Ação para 2014 do Projeto: *“Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe”*, já havia a meta de elaborar a proposta do curso para o Mestrado Profissional em Teologia, e anterior a essa proposta, a realização de um curso de especialização Lato Sensu, com temáticas afins ao Programa. Em novembro de 2014, foi então lançada a proposta oficial do MPG, como consta no Plano de Implementação de 2014, do projeto ora referido⁴⁰. A linha de pesquisa *Gênero, Feminismos e Diversidade* surgiu na Faculdades EST após uma trajetória cujos inícios podem ser identificados com a criação da *Cátedra de Teologia Feminista* e a posterior criação do *Programa de Gênero & Religião*.

O *Núcleo de Pesquisas de Gênero (NPG)* também é um desdobramento dos estudos e pesquisas no âmbito da pós-graduação na instituição, e foi constituído no ano de 1999. Vincula-se ao Programa de Pós-Graduação (PGR-EST) e está cadastrado junto ao Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq. Mensalmente o NPG se reúne com o intuito de promover o debate sobre as produções acadêmicas tanto individuais quanto coletivas, que estudam as relações de gênero e seus rebatimentos na sociedade. Embasados “nos estudos feministas, analisa as construções do saber, da subjetividade, das relações de poder, da

³⁹ Para obter mais informações consultar o documento: Projeto Programa de Gênero e Religião: *Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe*. Esse documento foi disponibilizado pela Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

⁴⁰ Sobre o Plano de Ação de 2014 e de Implementação de 2014 do Projeto: *Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe*, esses documentos foram disponibilizados pela Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

interrelacionalidade e da produção acadêmica em sua correlação com o fazer teológico com outras áreas do conhecimento”.⁴¹

A Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade foi autorizada em 12 de novembro de 2014, pelo Conselho de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdades EST, através da Ata nº 09/2014 e teve sua primeira turma iniciada em julho de 2015. Em maio de 2015 realizaram a seleção oito (8) estudantes na primeira chamada e um (1) estudante na segunda chamada. Todos/as os/as estudantes foram aprovados/as, mas fizeram matrícula somente quatro (4) estudantes. De outra linha de pesquisa do Mestrado Profissional em Teologia migraram outras duas (2) estudantes, tendo a participação efetiva de seis (6) estudantes na turma 2015.2. Em setembro de 2015, foi realizada outra seleção para 2016.1, tendo participado na primeira chamada dois (2) estudantes e na segunda chamada três (3). Quatro (4) estudantes foram aprovados/as e somente dois/duas (2) se matricularam. Houve um estudante remanescente da seleção anterior (2015.2) que efetuou matrícula neste período.⁴²

O Programa de Gênero e Religião em parceria com a Igreja da Suécia, com intuito de fomentar e ampliar suas discussões ofertou, no ano de 2016, cinco Benefícios para o Mestrado Profissional, na Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade. Foram contempladas alunas com formação em Teologia e áreas afins, de vários estados brasileiros. Uma (1) aluna do estado de Santa Catarina, uma (1) aluna do estado de São Paulo e três (3) alunas do estado do Piauí. As bolsas variaram entre integrais e parciais (100%, 50% e 20%) e incentivaram a produção de conhecimento favorecendo o diálogo entre diversos atores sociais.⁴³

Com 14 componentes curriculares obrigatórios, 360 horas-aula equivalentes a 24 créditos, a Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade versam sobre temáticas que abordam: Teologia Feminista; Teorias de Gênero, Relações de Gênero e Justiça de Gênero; Religião; Violência contra as mulheres; Sexualidade e Corporeidade; Cultura; Saúde; Políticas Públicas; Educação, entre outras. Com conteúdo enriquecedor e bastante atual, faz uma importante interlocução com autoras e autores que são referências nos Estudos de Gênero e da Teologia

⁴¹ Folder de divulgação do PGR – Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

⁴² Informações obtidas através da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST.

⁴³ Informações obtidas através da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST.

Feminista, principalmente do Brasil e da América Latina. Esta Linha de pesquisa, também faz uma importante interface da Teologia com outras áreas do conhecimento, possibilitando e incentivando à reflexão crítica na promoção do bem-estar humano e tendo como meta a construção de relações mais justas e igualitárias. Princípios que a Faculdades EST pauta em sua formação⁴⁴. Assim, é evidente:

A relevância deste curso reside em provocar o debate e a produção de conhecimento a partir dos referenciais teológico-religiosos feministas abordando diferentes temáticas [...] A proposta de construir um campo epistemológico que entrelace a teologia feminista, as questões de gênero e a religião problematiza o papel desta última, em sua função de produção e reprodução de sistemas simbólicos que interferem nas relações sociais de gênero⁴⁵.

A Linha de Pesquisa ora abordada, se utiliza de instrumentais do feminismo e de gênero, para refletir criticamente sobre a educação. Admite a pluralidade dos sujeitos que vivem em realidades distintas, onde a exclusão social, política e econômica incidem diretamente no curso de suas vidas. Por isso, há necessidade de intervenção através da educação, que “é desafiada pelos movimentos de corpos excluídos, desesperançados, famintos, carentes de pão, amor, prazer e justiça, entre outras tantas coisas”⁴⁶. Desta forma, entendendo essas e outras necessidades, a educação é entendida como imprescindível para que os Direitos Humanos sejam garantidos, numa luta incessante na perspectiva de sua defesa. “São novas e outras vozes, corpos, ritmos, cores e tempos que devem ser incorporados nos processos educativos para aprender a soletrar e verbalizar a igualdade e equidade”.⁴⁷

Em janeiro de 2017 foi concedido o grau de Mestra, para a primeira aluna do Mestrado Profissional em Teologia da Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade. Joana Darc Xavier Alves apresentou o trabalho: *Muito além da historiografia: Caminhos e saberes das mulheres no processo de colonização de*

⁴⁴ Para maiores informações ver o documento: *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Disponível após solicitação à Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

⁴⁵ FACULDADES EST. *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Arquivos da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

⁴⁶ Para maiores informações ver o documento: *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Disponível após solicitação à Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

⁴⁷ Para maiores informações ver o documento: *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Disponível após solicitação à Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

Araputanga/MT, obtendo aprovação diante da Banca Examinadora composta pelo professor André S. Musskopf e pela professora Karin Hellen. K. Wondracek.⁴⁸

Nesse movimento, é importante destacar como a Linha de Pesquisa contribuiu para a discussão sobre Gênero, haja vista a resistência sobre incluí-la na educação brasileira, através dos livros didáticos e dos conteúdos ministrados em sala de aula. Muitos Planos Municipais de Educação no Brasil foram rejeitados em suas Câmaras de Vereadores e Vereadoras quase que com unanimidade. As votações aconteceram sob forte pressão das bancadas religiosas e conservadoras, contrárias à discussão sobre questões de gênero e identidade sexual com as/os estudantes. A Câmara Municipal de São Paulo, por exemplo, em 25 de agosto de 2015, aprovou o Projeto de Lei que tratava do Plano Municipal de Educação (PME) eliminando do texto “referências à palavra gênero e trechos da Lei Orgânica do Município e do Plano Nacional de Direitos Humanos que garantiriam igualdade de gênero no ensino municipal”. O projeto original da Prefeitura previa a promoção de discussões sobre discriminação por gênero no ambiente escolar, assim como, a inclusão de aulas de educação e diversidade sexual na grade curricular.⁴⁹

Em contrapartida, na busca por combater as violências, discriminações e desigualdades relacionadas a gênero e orientação sexual que acontecem no ambiente escolar, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Inclusão (SECADI/MEC), se posicionou a favor das discussões nas escolas. Segundo a representante da SECADI, Cláudia Dutra:

Planos municipais e estaduais não podem proibir as questões de gênero, porque contrariam as Diretrizes Nacionais da Educação [...] A divergência faz parte do processo educacional. Mas não há uma demanda social ampla de estudantes e familiares sobre essa questão. O debate de gênero foi alçado a um debate que gera capital político, e se cria artificialmente uma polêmica com o intuito de retrocessos.⁵⁰

O contexto atual é de coibição à liberdade de pensamento e ação. Uma sociedade machista e conservadora buscam cercear o direito constitucional à

⁴⁸ Informação obtida através do Currículo Lattes de André S. Musskopf. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacvdo?id=K4705562U5>>. Acesso em 14 de abril de 2017.

⁴⁹ Para entender a polêmica gerada por essa questão na Câmara Municipal do estado de São Paulo, veja mais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/camara-aprova-plano-municipal-de-educacao-de-sp-sem-palavra-genero.html>>. Acesso em 15 de abril de 2017.

⁵⁰ Mais detalhes sobre a discussão sobre gênero nas escolas consultar o texto ora referido. Disponível em: <<http://www.deolhonosplanos.org.br/planos-educacao-proibicao-genero/>>. Acesso em 15 de abril de 2017.

educação para a igualdade de gênero, raça e sexualidade, mas, este, deve ser combatido. Seu enfrentamento se dará através da promoção de uma educação que propicie a ampla discussão sobre a temática. Tony Reis e Edla Eggert afirmam que, no debate ocorrido em torno do Plano Nacional de Educação e seguidamente dos Planos Estaduais e Municipais de Educação: “o termo ideologia de gênero foi utilizado por quem defende posições tradicionais, reacionárias e até fundamentalistas em relação ao papéis de gênero do homem e da mulher”⁵¹. Desta forma, o autor e a autora do texto reforçam que:

A ampla disseminação da falsa premissa da “ideologia de gênero” vista como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do “inimigo”, quando o que se pretendia com a “promoção da igualdade [...] de gênero e de orientação sexual” era simplesmente contribuir para “a superação das desigualdades educacionais” que comprovadamente existem entre os gêneros, em consonância com as décadas de debates, acordos e políticas públicas estabelecidas democraticamente a fim de promover a equidade de gênero.⁵²

Nesse sentido, o Mestrado Profissional em Teologia, com a iniciativa de propor a Linha de Pesquisa em Gênero, Feminismos e Diversidade, possibilita e consolida o aprofundamento teórico sobre as questões de gênero, provocando novas reflexões e questionamentos, oportunizando maior visibilidade ao campo estudado. Trata-se de uma ação que dá passos significativos e efetivos na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Com embasamento teórico, teológico e político, incentiva os diversos atores envolvidos para uma reflexão acadêmica que valorize as diferenças em todos os sentidos. As resistências existem e podem ser superadas via a promoção da cidadania. E a educação tem se mostrado como a melhor forma de resistência.

Foi nesse contexto que me deparei com o feminismo de uma forma mais sistemática, como objeto de estudo e pesquisa que também inclui a experiência e a caminhada de cada um e cada uma que se permite trilhar esse caminho. Em certo sentido foi aí que muitas questões que experimentei e refleti ao longo dos anos

⁵¹ REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação Brasileiros. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 38, nº. 138, p. 17, jan.-mar., 2017.

⁵² REIS; EGGERT, 2017, p. 20.

encontraram eco e passaram a fazer sentido, despertando minha curiosidade e provocando meu envolvimento.

Nessa imersão também me dei conta de que não estava sozinha. Além das colegas, professoras e professores, um universo de mulheres que compõem uma história de lutas pela superação de preconceitos, pela dignidade, pela justiça, me foi sendo apresentada e eu fui encontrando. No que segue, apresentarei três mulheres que, por sua vida e sua obra me impactaram. Elas lutaram pelo direito à educação para todas as mulheres e defenderam o seu direito à cidadania plena. Através de suas histórias, conto também um pouco da minha.

2 GRANDES SEMEADORAS DO FEMINISMO

Nesse capítulo contarei a história de três mulheres estudadas no primeiro componente curricular onde o Feminismo aconteceu pra mim: Justiça de Gênero, Diversidade e Educação, conduzida pela professora Edla Eggert. Elas me inspiraram com suas experiências de vida e pela importante contribuição científica através de seus escritos. Mulheres que são estudadas, pesquisadas e, que, através de suas experiências, muito ensinaram. Elas, na verdade, nos inspiram a prosseguir nossa caminhada, nossa luta diária, em nossos lares, no trabalho, ao andar na rua.

Contarei um pouco sobre Christine, Mary e Simone, mulheres ícones. Elas lutaram pelo direito à educação para todas as mulheres, sem distinção. Elas venceram suas batalhas, resistiram às forças contrárias. Se hoje as mulheres ocupam espaços significativos nos ambientes considerados de exclusividade masculina, como o meio científico, devemos muito a elas. Mulheres que podem ser consideradas como precursoras do feminismo, embora tenham vivido em tempos onde o feminismo não existia enquanto movimento. Por assim ser, considero-as como semeadoras da grande luta que vem sendo travada há décadas. Avante!

2.1 Christine, Mary e Simone: todas nós e elas!

A constatação de que as mulheres deliberadamente foram invisibilizadas no tempo ficou clara para mim, numa aula da professora Edla, onde a linha do tempo dos “maiores pensadores” da história ocultava a passagem das mulheres. São filósofos citados pelo mundo afora como os únicos capazes de se posicionar diante da vida, homens que detinham a razão como sendo sua exclusividade. Para as mulheres que pensavam restava o escárnio e o confinamento de seus pensamentos. Como então conhecê-las? Para quantas esse “privilégio”? A história continua as ocultando e, assim, o sexismo se sustenta sobremaneira. Nesse turbilhão da primeira semana, nomes como Margarita Pisano⁵³, Marcela Lagarde y de los Rios⁵⁴,

⁵³ O texto utilizado como estudo foi: *El triunfo de la masculinidad*. Reprodução em PDF com autorização de Fem-e-libros/creatividad feminista, año de 2004.

⁵⁴ Como leitura introdutória foi utilizada o texto da Revista Estudos Feministas (julho/dezembro de 2012): *A retomada do conceito de opressão por meio dos cativos das mulheres de Marcela Lagarde – questões para debate*. Edla Eggert e Marcia Paixão são as autoras. O texto está disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys22/education/edla.htm>>.

Mary Wollstonecraft e Christine de Pizán⁵⁵, assim como Simone de Beauvoir⁵⁶, foram referências nas discussões em sala de aula. Mulheres estudando sobre mulheres à frente de seu tempo, que marcaram e marcam nossa trajetória num mundo de exclusividade masculina. Uma briga entre mulheres e homens que nos desafia até hoje e que necessita ser discutida. Nesses embates fui compreendendo que, qualquer mulher que seja, as visíveis e invisíveis têm a tarefa de se posicionar e rever primeiramente seus conceitos de vida como possibilidade de se reorganizar e entrar na “batalha” de se entender e se fazer mulher cotidianamente. Batalhas pessoais, pequenas que sejam, mas que podem mudar seu curso na história. E cada história é valorosa.

Escrever sobre a história das mulheres certamente é um desafio. Não existe uma única história e nem tampouco deveria existir uma única interpretação para o que significa ser mulher em sociedade. Invisibilizadas ao longo do tempo pela imposição e dominação masculina, as mulheres ficaram relegadas ao esquecimento e subjugadas num confinamento onde felizmente suas memórias não foram apagadas. A História sempre foi contada e interpretada por homens com a clara intenção de deixar as mulheres à sua margem, fortalecendo a cultura androcêntrica⁵⁷ num favoritismo que desencadeou para as mulheres uma condição de inferioridade e de desvalorização⁵⁸. Aos homens é dedicada a exaltação na História, nas Artes, na Filosofia, na Política, num mundo onde eles prevalecem em detrimento das mulheres, numa disputa de poder pretensamente neutra.⁵⁹

Essas memórias hoje podem contar um pouco das vivências de tantas mulheres que, embora tendo o espaço privado designado como seu por

⁵⁵ As autoras Mary Wollstonecraft e Christine de Pizán foram apresentadas através de um estudo da linha do tempo de grandes pensadores/as e filósofos/as. O objetivo era justamente mostrar como as mulheres foram deliberadamente ocultadas da história.

⁵⁶ A referida autora é conhecida pelo seu célebre livro: *O segundo sexo*. Embora já tivesse conhecimento de suas obras, Simone de Beauvoir passou a ser lida por mim, após minha inserção no Mestrado em Teologia.

⁵⁷ O androcêntrismo não deve ser compreendido como misoginia, ele deve ser entendido como uma tendência quase que universal de se reduzir a raça humana ao termo “homem”. Seu oposto, relacionando-o com a mulher, é designado por ginocentrismo. Disponível em: <<http://www.conhecimentogeral.inf.br/androcetrismo/>>. Acesso em 14 de abril de 2017.

⁵⁸ A historiografia das mulheres é valorizada na obra: *História das mulheres no Brasil* de Mary Del Priore (Org). 10. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. A coletânea de textos reúne uma diversidade de autores que pesquisam sobre as mulheres brasileiras. Os textos são fundamentais para a compreensão da História Geral, ressaltando as experiências e realizações femininas durante quatro séculos.

⁵⁹ Veja COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. Ver p. 11-18.

“excelência”, ousaram sair da obscuridade, falaram e falam num mundo que impôs a nudez, saíram de seus “lugares comuns” e colocaram os pés no mundo real onde a luta pelos espaços é uma luta de poder, de papéis definidos, socialmente construídos e internalizados pelas diversas sociedades⁶⁰. As mulheres têm outros olhares e interpretações para esse mundo escrito quase que exclusivamente para os homens. Esse olhar crítico, a partir das experiências das mulheres, suspeita e questiona os saberes instituídos, desconfiando das verdades absolutas, desconstruindo um ideal feminino apregoadado e assimilado ao logo do tempo que trouxe para as mulheres ofuscamento e pouco reconhecimento em áreas consideradas restritas ao domínio masculino, como as intelectuais. Como nós mulheres encaramos esse olhar tradicionalmente masculino? Como devemos nos posicionar diante dessa maneira predominante de pensar?

As mulheres adentraram no espaço público em busca de autonomia tanto na política – espaço de poder predominantemente masculino - quanto no mercado de trabalho, impondo às sociedades uma nova postura diante dessas mulheres. Nesse sentido, fazendo também com que essas mesmas sociedades repensassem os espaços anteriormente definidos para os homens e para as mulheres, produzindo (ou tentando) uma nova sociabilidade onde esses “lugares” tão fortemente marcados pela cultura patriarcal, não fossem mais de domínio exclusivo dos homens. Considerando, ainda, que as mulheres também estão presentes querendo reconhecimento, respeito e hoje disputam o poder, ainda que de forma desigual, numa luta diária travada entre avanços e continuísmos.

Se a história ao longo do tempo favoreceu os homens como sendo a única versão passível de se contar, hoje ela conta a favor das mulheres. A história das mulheres no mundo não prescinde a história dos homens, ela é relacional e se mostra sem nenhuma sombra que a oculte, sem nenhum esquecimento tão necessário sob a ótica machista que a invisibilizou estrategicamente. “O avanço teórico mais importante da categoria de gênero foi demonstrar que falar de mulheres

⁶⁰ Num estudo sobre a luta das mulheres por melhores condições de vida, Paola Cappellin Giuliani aponta as conjunturas enfrentadas por elas em seus esforços para atingirem a cidadania, na exigência legítima por seus direitos. Os movimentos das mulheres rurais, a crise da divisão sexual no trabalho e a representação sindical, a prática política das trabalhadoras, assim como as reivindicações de igualdade de gênero, são percursos de mobilização apontados no texto. *Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira*. In: DEL PRIORE, Mary (Org). 10. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 640-668.

é também falar de homens, das relações entre mulheres e homens”.⁶¹ Recontar essa história revela outras formas de saber e de conhecimento que desvelam e criticam um determinado modelo de sociedade. Recontar a história das mulheres de forma crítica e consciente possibilita a transformação da realidade e seu propósito deve ser realmente esse. A história das mulheres não é somente delas, ela é multifacetada. É a história de seus corpos, de suas vontades, de suas lutas, de seu trabalho, da violência que sofreram, enfim, diz respeito à sociedade.

Hoje, nós, mulheres, contamos nossa história de lutas, de perdas e ganhos e de desafios. O confronto desses olhares para o ser homem e para o ser mulher não se impõe como possibilidade de apenas questionar regras já definidas. Ele é necessário para quebrá-las, para ultrapassá-las, para transgredi-las e se pensar numa sociedade onde as mulheres e os homens não sejam definidas e definidos por papéis pré-estabelecidos, mas sim, buscando alternativas para se viver as **relações de gênero** de forma consciente e construí-las. Trata-se de viver as diferenças numa perspectiva de igualdade e transformação social. Nesse sentido, Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli apontam:

O debate sobre a dominação masculina nas sociedades contemporâneas – ou o ‘patriarcado’, como preferem algumas – abriu portas para tematizar, questionar e complexificar as categorias centrais por meio das quais era pensado o universo da política, tais como as noções de indivíduo, de espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça ou de democracia.⁶²

Discutir sobre a dominação masculina é mais do que necessário e essa dominação deve ser problematizada através dos séculos para denunciar como as mulheres foram tratadas historicamente. Algumas delas dedicaram seu tempo e suas vidas para escrever sobre essa questão e são referências quando se pensa sobre o feminismo. Dentre muitas, neste relato apresento três autoras e algumas de suas obras em três tempos distintos: na Idade Média Christine de Pizán (1364-1430), na Idade Moderna Mary Wollstonecraft (1759-1797) e na Idade Contemporânea Simone de Beauvoir (1908-1986). Essas são algumas vanguardistas que romperam com as ideias tradicionais, à frente de seu tempo, e

⁶¹ COLLING, 2014, p. 29. Outras definições são apresentadas sobre as questões de gênero, para Connell e Pearse, ao discutir sobre o conceito de gênero, afirmam que: “Não há uma base biológica fixa para o processo social do gênero. Em vez disso, o que há é uma arena em que os corpos são trazidos para processos sociais, em que nossa conduta social faz alguma coisa sobre diferenças reprodutivas”, CONNELL, 2015, p. 48.

⁶² MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.

que me inspiraram e inspiram nessa caminhada, nesse caminhar para mim, como uma experiência formadora. Visibilizar suas trajetórias e suas obras é uma forma de mostrar como elas – e outras tantas – impactaram minha formação e, ao mesmo tempo, como elas podem impactar outras em seus próprios processos.⁶³ As três autoras, em comum, tinham como “bandeiras de luta” a defesa pelo direito à educação das mulheres, como uma forma de alcançar a independência. E a educação tem se mostrado para mim um grito de independência, de libertação, de transformação. Neste meu percurso formativo, elas representam a resistência e o fortalecimento de uma consciência que necessita superar as marginalizações na definição dos direitos, da discriminação de gênero nas relações econômicas, culturais e sociais, assim como das responsabilidades familiares.

Outras tantas ao longo da história continuaram e continuam a escrever sobre as mulheres, fazendo da luta feminista uma trajetória árdua, de combate a uma visão disseminada e machista que impregnou na cultura popular na qual ser mulher é quase uma transgressão, uma afronta ao mundo masculino. Ser mulher não deveria ser uma desvantagem. Deve ser sim uma vivência tão plena como a dos homens, tão forte, tão importante, tão presente e tão necessária. Não há comparações, ou não deveria havê-las. Há a persistência e a necessidade em se provar que somos todas e todos iguais perante a sociedade. E que na história, nós, mulheres, também marcamos a nossa passagem, porque os lugares são de **homens e mulheres**, as divisões foram construídas para a sobreposição dos homens – sexo masculino – em detrimento e desmerecimento às mulheres.

2.2 Christine de Pizán

*Qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente*⁶⁴

Pizán já denunciava que a diferença física entre homens e mulheres não deveria sobrepor e favorecer os homens. O que existia para ela eram diferenças nas condições sociais e que efetivamente enquadravam as mulheres aos espaços privados, ao confinamento doméstico, dessa forma criando a imagem de que as mulheres não eram dotadas da razão e da moral. Em *A cidade das damas* (1405) –

⁶³ MIGUEL, 2014, p. 20.

⁶⁴ PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org). – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, 207 p.

obra inspirada em *A cidade de Deus* (413-426) de Santo Agostinho - Pizán refutou a misoginia literária medieval denunciando que pregadores, filósofos e poetas eram unânimes em repetir que a mulher é passível de vícios e má por natureza⁶⁵. Rosangela Shardong aponta que, esta obra foi uma tentativa clara de dissuadir os homens de impressões equivocadas e falsas em relação às mulheres, provando que elas também tinham “virtudes morais e intelectuais”⁶⁶. Apoiando-se na mitologia e na história de mulheres ilustres para provar as virtudes femininas, Pizán fez uma réplica às calúnias proferidas contra as mulheres demovendo alguns preconceitos como os que professavam que as mulheres foram criadas por Deus para “chorar, falar e fiar”⁶⁷. Com maestria Christine, segundo a autora: “confere um desenho arquitetônico à sua obra”. Em três livros ela compôs a cidade fortificada onde apresenta inúmeras mulheres como referência: rainhas, poetisas, ilustres damas, personagens bíblicas e mulheres contemporâneas como “modelos femininos das virtudes morais e espirituais”⁶⁸.

É importante observar que a metáfora da cidadela foi primorosamente escolhida para acentuar a visão de mundo como espaço de conflito, aspecto que integra e justifica o eixo narrativo. Igualmente, a postura defensiva do texto é perfeitamente coerente com a finalidade da simbólica fortificação: oferecer refúgio às mulheres de valor contra o ataque de tantos agressores.⁶⁹

A autora italiana, que além de filósofa era também poeta, destacou-se pela crítica ao sexismo dentro do meio literário através dessa obra que enaltecia a figura feminina, numa retórica elaborada com maestria e pretensão de refutar as injúrias e discriminações contra as mulheres. Pizán foi *uma entre muitas* autoras medievais e renascentistas redescobertas na atualidade, marcando a história da escrita **feminina** como pioneira num tempo onde não se pensava sobre o feminismo.⁷⁰ As releituras atuais resgatam sua forte crítica literária sendo bastante estudada no Brasil por pesquisadoras e pesquisadores das áreas de teologia, história e literatura, como

⁶⁵ SCHARDONG, Rosangela. *Construção da obra literária em defesa da mulher: estratégias de Cristina de Pizán e María de Zayas*. In: VI Congresso Brasileiro de Hispanistas e II Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas, 2010, Campo Grande.

⁶⁶ SCHARDONG, 2010, p. 24.

⁶⁷ SCHARDONG, 2010, p. 24.

⁶⁸ SCHARDONG, 2010, p. 25.

⁶⁹ SCHARDONG, 2010, p. 25.

⁷⁰ Quanto à “escrita feminina” existem controvérsias. Lucas Passos em seu texto: *Literatura (d) e autoria feminina – questões introdutórias*, traz importantes reflexões sobre a questão. Disponível em: <<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/escrita-feminina/>>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

também pelo grande interesse de pesquisas na perspectiva de gênero, oportunizando outras chaves de leitura, além das filosóficas, que predominaram e marcaram sua escrita.⁷¹

Christine de Pizán faz pensar em sua própria experiência enquanto mulher através de sua singularidade literária dialogando num período que responde à vida cultural e social de sua época, o que implica também entender a não visibilidade da escrita das mulheres como questionadora de costumes e tradições. Sua educação foi privilegiada, considerando que as mulheres não tinham acesso à educação formal e esta foi a grande reivindicação de Pizán: o direito à ampla educação das mulheres, reclamando para elas um papel social diferente, a possibilidade de se instruírem e de iniciarem a mudança no curso da história. A própria autora mostrou a transcendência de seu tempo, pois foi a primeira escritora a ter seu sustento provido pelo seu trabalho remunerado.⁷²

Pizán se casou aos quinze anos, teve três filhos e enviuvou precocemente aos vinte e cinco anos. Na tentativa de reaver seus bens enfrentou longa batalha judicial e, nessas circunstâncias, decidiu escrever para sustentar sua família sem contrair novo matrimônio. Sua escrita destemida enfrentou a crítica androcêntrica da época não lhe causando intimidação, mas sim a fazendo 'conclamar as mulheres a se enxergarem dignamente'⁷³, com a clara intenção de fazê-las compreender a importância do acesso à educação. Sua sensibilidade com as causas das mulheres e seu tenaz questionamento quanto à construção de um olhar masculino tradicionalmente distorcido em relação às mesmas, demonstram uma visão feminista desconhecida e tampouco valorizada no período medieval. Ao conhecer sua história de vida é possível entender que essa mulher foi uma grande semeadora do feminismo e seu talento inquestionável nos alcança até hoje, deixando um valioso legado, como assinala Eggert:

A estratégia da sua escrita tinha um objetivo: enaltecer a experiência das mulheres! Christine não tinha dúvidas das capacidades que aprendera e

⁷¹ WUENSCH, Ana Míriam. *Christine de Pizan: aprendiz e mestra d'A Cidade das Damas*. In: II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba – Sábias, Guerreiras e Místicas. PPGL/PPGCR/UFPB, 11 a 13 de junho de 2012, p. 3.

⁷² WUENSCH, 2012, p. 10.

⁷³ EGGERT, Edla. As mulheres e o tempo para fazer filosofia. In: PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, p. 88-92.

não cultivava essa convicção apenas para si. Possuía conhecimento histórico que garantia o registro da sabedoria de outras mulheres.⁷⁴

2.3 Mary Wollstonecraft

*Na educação das mulheres, o cultivo do entendimento é sempre subordinado ao desenvolvimento de algum atributo corporal*⁷⁵

Reconhecida como a primeira obra feminista moderna, *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, de Mary Wollstonecraft, foi publicada em 1792 e é referência no debate feminista contemporâneo. Sua visão revolucionária propunha a **igualdade de gênero**, a necessidade de educação e de autonomia feminina, desmistificando a inferioridade das mulheres como algo natural, mostrando que ela acontecia pela educação desigual entre mulheres e homens. Esta obra foi uma resposta à Constituição Francesa de 1789 e aos escritos de Jean Jacques Rousseau, que argumentava e reafirmava a não participação das mulheres na educação, fortalecendo a manutenção da visão machista produzida pela sociedade da época que confinava as mulheres ao espaço doméstico, à dependência econômica de seus maridos e ao comprometimento intelectual e espiritual à subordinação imposta. Os únicos “privilégios” para as mulheres, naquele contexto, seriam quanto ao acúmulo de propriedades e a possibilidade de se obter prestígio social e respeitabilidade, ou seja, aparências e prosperidade financeira, elementos indissociáveis da cultura europeia moderna.⁷⁶

Em “*Educação de Filhas*”, livro publicado em 1786 e fruto de sua experiência como professora, Mary refletiu criticamente sobre as restrições que se impunham às jovens alunas, “que as mantinham em um estado de ignorância e dependência”.⁷⁷ A sociedade da época estimulava as moças a se preocuparem com a aparência e

⁷⁴ EGGERT, 2015, p. 92.

⁷⁵ WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. – São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 46.

⁷⁶ MIRANDA, Daniel M. *Brevíssima Contextualização Histórica e Biográfica*. Prefácio da 1ª edição de *Reivindicação dos Direitos das Mulheres/Mary Wollstonecraft*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 8.

⁷⁷ EGGERT, Edla. domÉstico: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBl, 2004. p. 232.

terem comportamentos dóceis, isso causava indignação à escritora, que propôs “uma reforma ampla no currículo escolar”.⁷⁸

O período no qual a autora viveu foi testemunho de várias revoluções: a Guerra dos Sete anos (1756-1763), a Guerra de Independência dos EUA (1775-1783) e a Revolução Francesa (1789-1799). Foi tempos de batalhas civis e ideológicas, cenário propício para grandes mudanças à Luz do Iluminismo. “O estado britânico do século XVIII era um dos regimes mais liberais do mundo, seus súditos possuíam bastante liberdade para questionar publicamente as ações do governo, bem como as ordens políticas, sociais e religiosas”.⁷⁹ Mary nasceu em Londres, na segunda metade do século XVIII numa família herdeira de uma boa quantia financeira, mas gasta de maneira arbitrária por seu pai. Ele fracassou em boa parte de seus empreendimentos e somando-se a isso seu vício pela bebida e pelo jogo declinou a condição financeira e social de sua família.⁸⁰

Wollstonecraft, considerada o ícone do feminismo filosófico, incansável defensora dos direitos das mulheres e do tratamento igualitário **entre os sexos**, foi uma admirável intelectual libertária e ativista da causa dos oprimidos e das oprimidas, dos negros e das negras. Para ela mulheres e homens eram seres dotados de racionalidade e, portanto, sem diferenças. Em seus escritos com nuances de um feminismo já mais maduro e discutido com maior ênfase, ficava óbvia a sua opinião sobre a necessidade de uma mudança no comportamento **feminino à luz das ideias iluministas** que a influenciaram – liberdade, igualdade e fraternidade: “É tempo de realizar uma revolução nas maneiras femininas – tempo de devolver a elas a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar para que se reformem e assim reformarem o mundo”.⁸¹

Sobre a força corporal masculina, considerada superior naquela época e ainda hoje, a autora entendia que se as mulheres fossem permitidas a fazer os mesmos exercícios físicos que os homens, durante a infância e juventude, com o objetivo de se chegar à perfeição do corpo, poderia então se saber até onde “a superioridade natural do homem se estende”.⁸² Ela fazia críticas quanto às noções equivocadas da beleza feminina e afirmava que as próprias mulheres poderiam se

⁷⁸ EGGERT, 2004, p. 232.

⁷⁹ MIRANDA, Daniel M., *apud* MACLEOD, Emma Vincent, 2015, p. 8.

⁸⁰ MIRANDA, Daniel M., *apud* MACLEOD, Emma Vincent, 2015, p. 8.

⁸¹ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 74.

⁸² WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 128.

tornar capazes de trabalhar pelo seu sustento, pela sua subsistência. Seria, para Wollstonecraft, como uma verdadeira definição de independência **feminina**, de fortalecimento da mente. Para ela a beleza não poderia ser adquirida somente pela aparência. Uma mulher teria sua beleza na possibilidade de pensar por si própria e de lutar pelos seus direitos, ao contrário da insignificância feminina proclamada por Rousseau, e que ela combatia fortemente.⁸³

Clamando, ainda, pela igualdade de direitos num contexto marcado por traços culturais da época, a autora ressaltou ao final de sua obra:

Declarando os direitos pelos quais as mulheres, em conjunto com os homens, devem lutar, eu não tentei extenuar suas falhas; mas provar que elas são uma consequência natural de sua educação e posição na sociedade. [...] deixe que as mulheres compartilhem os direitos e elas irão emular as virtudes dos homens, pois elas devem desenvolver-se mais perfeitamente quando emancipadas.⁸⁴

O protesto feminista de Mary Wollstonecraft exigia justiça para as mulheres excluídas do papel de cidadãs pela Constituição Francesa recém-promulgada. A atualidade da autora reside essencialmente nos temas que são tratados como específico feminino e que representa uma voz contra a cruel opressão cotidiana que atinge milhões de mulheres ainda hoje. A resistência para ela era mais que necessária.

2.4 Simone de Beauvoir

*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher*⁸⁵

Autora de *O Segundo Sexo* (1949) – livro com imensa repercussão e reconhecimento mundial e inspirador do feminismo contemporâneo - Simone de Beauvoir ganhou notoriedade discutindo a existência da mulher em sociedade, sendo esta publicação leitura fundamental para as feministas de variadas vertentes. A obra foi escrita num tempo diferente do vivido pelas escritoras citadas anteriormente, tempo “de muitas transformações na situação econômica e social das

⁸³ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 128-129.

⁸⁴ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 270.

⁸⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, p. 9.

mulheres no mundo”.⁸⁶ Filósofa, romancista e escritora francesa, Beauvoir também escreveu livros de ficção, memórias e ensaios, além de livros autobiográficos. “Para Beauvoir tudo se constrói, incluindo a felicidade e, claro, a identidade pessoal. Ela abraça uma filosofia que confia às pessoas, e só a elas, a responsabilidade de moldar seus próprios destinos”.⁸⁷

Beauvoir e Jean Paul Sartre, seu companheiro durante cinco décadas, viveram uma relação bastante ousada e radical, cujo modo de vida transgredia as regras sociais da época e, incompreendidos pela grande maioria das pessoas o casal virou uma lenda. Dentre as “ousadas” vividas assinaram um contrato de convivência renovável onde o “amor necessário” (o deles) e “os amores contingentes” (os e as amantes) se distinguiram e a liberdade era a tônica dessa união que não estava isenta de dores e sofrimentos e abdições. Seu modo de vida foi coerente com o que Simone acreditava e escrevia. Ela manteve-se íntegra quanto ao seu ideal, renunciou à maternidade para se dedicar à produção literária, renunciou ao casamento, viveu a bissexualidade e manteve seus casos “extraconjugais” sem de modo algum renunciar ao seu amor maior (seus depoimentos levam a acreditar), que foi considerada por ela sua grande arte: “Alcansei um grande sucesso em minha vida: minha relação com Sartre”.⁸⁸

Beauvoir escrevia sobre si mesma e falava de sua experiência com o intuito de se conhecer e de se compreender. Ela fez de sua vida o grande tema de seus escritos, segundo o Blog Beauvoiriana:

Simone de Beauvoir é mais racional em seus escritos, tem como marca sua formação filosófica e seu compromisso com o existencialismo, que em certa medida é, sim, um desencantamento do mundo. Mas também fez de sua vida o tema principal de seus livros, e dizia que a literatura era a transformação de “uma vida que é vivida em uma vida que é refletida”.⁸⁹

Sempre combativa e visionária, questionava o modelo burguês de família ideal e de modelo de casal, versando principalmente sobre os dilemas existenciais

⁸⁶ ALBORNOZ, Suzana. Do segundo sexo por Simone de Beauvoir. In: PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, p. 104.

⁸⁷ Blog Simone de Beauvoir criado por Beauvoiriana (pseudônimo). *30 anos sem Simone de Beauvoir*. Disponível no site: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em: 28 de maio de 2016.

⁸⁸ Veja na íntegra o texto. Disponível em: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/2013/08/01/70-anos-de-a-convidada/>>. Acesso em 28 de maio de 2016.

⁸⁹ Ver o texto: *Simone de Beauvoir e Marguerite Duras*. Disponível em: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

da liberdade, da ação e da responsabilidade individual. “Sua grande ousadia foi questionar a ‘feminilidade’, elevá-la à categoria de mito, de algo fabricado. Assim ganhou a imortalidade”.⁹⁰ Mirla Cisne, assistente social e militante feminista, prefaciou uma de suas obras com o pensamento de Beauvoir: “Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito [...] para prender as mulheres na sua condição de oprimidas”. Nesse sentido, Cisne conclui: “Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade”.⁹¹

A voz da escrita de Simone de Beauvoir é a da existência que precede à essência. Para ela, colocar-se como uma “mulher escritora” era de certo modo sustentar a condição de inferioridade da mulher na sociedade, como se uma mulher ocupar o lugar de sujeito da escrita fosse algo extraordinário, já que esse não seria seu lugar “natural”. Afinal, nenhum escritor se define como um “homem escritor”. O escritor é escritor e ponto. Para Simone, o lugar da escrita é um só.⁹²

Um dos dilemas colocados por Beauvoir foi justamente sobre a escrita da mulher, pois, estando esta em condições de inferioridade na vida em sociedade, que escrita se produziria? De submissão intelectual? Existiria mesmo uma escrita feminina? O preconceito em relação à mulher tanto como “intelectual” quanto como “escritora” poderia inferir algum prejuízo ao modo da mulher escrever? Simone tinha um posicionamento político intelectual que poderia também de algum modo a privilegiar no universo letrado e predominantemente masculino. Ela já era considerada uma escritora renomada que versava sobre várias áreas e temas exclusivos aos homens. Estaria então ela falando a partir dessa posição? Muitos de seus dilemas ainda estão por serem resolvidos (se é que o serão). A maestria em abrir esses questionamentos e de se colocar diante de situações que exigiam dela diferentes posturas, engrandece sua obra e confere sua originalidade.

Simone falava do ponto de vista de suas convicções existenciais e políticas. E quando essas convicções exigiam que se posicionasse como mulher, ela o fez. Quando exigiam que se posicionasse como indivíduo, também o fez.

⁹⁰ GUERRERO, Catalina. *Simone de Beauvoir, a filósofa que libertou as mulheres – e os homens*. Disponível em: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em 06 de junho de 2016.

⁹¹ CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. p. 17.

⁹² Blog Simone de Beauvoir. *Simone de Beauvoir e Marguerite Duras*. Por Beauvoiriana (pseudônimo). Disponível no site: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em 08 de maio de 2016.

Mas a publicação de *O Segundo Sexo* exigiu, cada vez mais, que ela falasse a partir do ponto de vista de uma mulher intelectual.⁹³

“*Je ne suis pas une femme écrivain/I am not a woman writer*”, traduzida para o português, a expressão perde o sentido de negação parcial que se mantém nos idiomas francês e inglês. Originalmente ela expressa uma reflexão aprofundada sobre as mulheres e a escrita produzida por elas. Beauvoir jamais se alheou ao cotidiano das mulheres, haja vista, a composição de suas personagens femininas que conferiram uma grande contribuição para os estudos sobre as mulheres, e ainda, sobre a ambiguidade da **questão de gênero** que prevalece no mundo intelectual: ser mulher escritora ou ser escritor (a) mulher? Simone será lembrada sempre como uma mulher que escrevia - *woman writer/une femme écrivain* – e que eternizou a célebre frase evocando a construção do ser mulher em sociedade.⁹⁴

De certo que Beauvoir obteve críticas quanto aos seus escritos, desde a aceitação do masculino como “espelho do universal” como também a ‘adoção de comportamentos idênticos aos dos homens’, em sua ‘relação com a família’, ‘a sexualidade’ ou com a ‘atividade profissional’. Catharine MacKinnon e Jean Bethke Elshtain são autoras que compartilham de posicionamentos contrários aos de Beauvoir⁹⁵. Segundo Miguel e Biroli, a primeira questiona o modo naturalizado com que Simone aplica categorias de análise construídas sob a ótica masculina e a segunda acredita que a autora “encarna” um tipo de feminismo repressivo no qual as mulheres ao se emanciparem estariam negando “dimensões inteiras de vida e experiências”. Outros tantos questionamentos foram aferidos a Beauvoir, como o próprio corpo feminino que não foi valorado positivamente por ela, e, ainda que muitas críticas ainda lhe sejam feitas, seu legado ainda permanece vivo: *O segundo sexo* é o ponto de partida do feminismo contemporâneo.⁹⁶

2.5 O feminismo como possibilidade de mudança

Pensar em tempos distintos, onde mulheres desafiavam a lógica patriarcal imposta através de escritos que abordavam temas polêmicos - porque de fato o

⁹³ Blog Simone de Beauvoir criado por Beauvoiriana (pseudônimo). *30 anos sem Simone de Beauvoir*. Disponível no site: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em 08 de maio de 2016.

⁹⁴ Blog Simone de Beauvoir. *I am not a woman writer*. Beauvoiriana (pseudônimo), 2010. Disponível no site: <<http://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em 28 de maio de 2016.

⁹⁵ MIGUEL, 2014, p. 64 – 65.

⁹⁶ MIGUEL, 2014, p. 65.

feminismo sempre foi e parece que ainda o será - é pensar na ousadia dessas mulheres que escreveram para as mulheres e para os homens. Mas, principalmente para os homens, para que eles repensassem os espaços e modos de vida impostos e definitivamente entendessem que o público e o privado tencionavam/tencionam e marcavam/marcam profundamente o debate feminista emergente. Em comum essas autoras combatiam a “hierarquização do papel dos dois gêneros”⁹⁷, desconstruindo interpretações equivocadas como as de Platão, que questionava a posição da mulher em sociedade, justificando que a “inferioridade da sua natureza” impedia que tivesse a mesma posição que o homem. Segundo Teresa Joaquim, citada por Colling: “a desvalorização da mulher faz parte do sistema platônico, sua inferioridade natural provém de seu ‘útero errante’ e sua capacidade de procriação”⁹⁸.

Nesse mesmo alinhamento no modo de pensar as mulheres e indo além, Auguste Comte acreditava na “inaptidão radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família”, argumentando e justificando que as mulheres se caracterizariam pela infantilização contínua. Por isso, para ele, todos os espaços ocupados pelas mulheres deveriam estar dentro de determinados limites. Assim, a naturalização da subordinação feminina persiste e se recria constantemente.⁹⁹

Mas, felizmente essas e outras questões que dizem respeito às mulheres estão sendo debeladas. Nossos espaços são infindáveis e nossa luta é diária, constante. Um grande despertar feminista está sendo produzido. Nesse sentido, Ângela Davis¹⁰⁰, na Marcha das Mulheres contra Trump¹⁰¹, em 21 de janeiro de 2017, fez um discurso que resume as bandeiras de luta das mulheres pelo mundo, mostrando que o futuro é feminista, de múltiplas vozes:

⁹⁷ COLLING, 2014, p. 50-51.

⁹⁸ COLLING, 2014, p. 50.

⁹⁹ CISNE, Mirla. Feminismo e consciência de classe no Brasil. São Paulo: Cortez, 2014, p. 98-99.

¹⁰⁰ Ângela Davis é ativista, filósofa, intelectual. Autora de *Mulheres, raça e classe*, livro que traça um poderoso panorama histórico e crítico das imbricações entre a luta anticapitalista, a luta feminista, a luta antirracista e a luta antiescravagista, passando pelos dilemas contemporâneos da mulher. O livro é considerado um clássico sobre a interseccionalidade de gênero, raça e classe. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/angela-davis-e-o-significado-da-emancipacao-da-mulher-negra>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

¹⁰¹ Donald John Trump é o 45º presidente eleito dos Estados Unidos da América. Tomou posse em 2017. Sobre a Marcha das Mulheres contra Trump, centenas de milhares de pessoas participaram de uma série de manifestações contra o presidente e a favor dos direitos das mulheres e das minorias em várias cidades do mundo. A marcha acabou ganhando adesão de todo o mundo, com mais de 670 manifestações marcadas em mais de 20 países. As pessoas protestavam contra a misoginia, a homofobia, o racismo e a intolerância religiosa. Em Washington a Marcha foi considerada uma das maiores manifestações da história do país, com cerca de meio milhão de pessoas presentes. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/marcha-das-mulheres-reune-milhares-contra-trump-em-todo-o-mundo>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

Em um momento histórico desafiador, vamos nos lembrar que nós somos centenas de milhares, milhões de mulheres, transgêneros, homens e jovens que estão aqui na Marcha das Mulheres. Nós representamos forças poderosas de mudança que estão determinadas a impedir as culturas moribundas do racismo e do hetero-patriarcado de levantar-se novamente. [...] Esta é uma Marcha das Mulheres e ela representa a promessa de um feminismo contra o pernicioso poder da violência do Estado. E um feminismo inclusivo e interseccional que convoca todos nós a resistência contra o racismo, a islamofobia, ao antissemitismo, a misoginia e a exploração capitalista. [...] Este é só o começo. E termino nas palavras da inimitável Ella Baker: 'Nós que acreditamos na Liberdade não podemos descansar até que ela seja alcançada!'¹⁰²

Liberdade já almejada por Pizán, Wollstonecraft e Beauvoir. O sonho ainda persiste. Estamos cada vez mais politizadas e conscientes de que coletivamente temos maiores e melhores possibilidades. Cada uma fazendo a sua parte, disseminando e contagiando mais mulheres a entenderem que nossa saída é pelo viés feminista. Feminismo não é uma arma contra os homens. Feminismo é um dos instrumentos de resistência para a busca da liberdade de todas as pessoas que são privadas de ser o que quiserem. Ou seja, donas de si mesmas! E isso diz respeito ao livre arbítrio, às escolhas que muitas mulheres ainda não possuem. Isso diz respeito à liberdade, à libertação.

Autoras como as estudadas neste trabalho apontam que há séculos as mulheres tiveram consciência das diferenças estabelecidas pelos homens. Lutar pela mudança no tratamento que foi imposto historicamente tem sido tarefa árdua. Muitas outras autoras têm combatido, através de seus escritos, a visão androcêntrica na qual as mulheres desempenham papéis e posturas exigidas. Os resultados aparecem, eles vão replicar muito mais ainda. O oito de março de 2017 está sendo considerado o mais politizado da história. Milhares de mulheres nas ruas em mais de 50 países. Exigindo mudança.¹⁰³

Essa história está sendo mudada. Pelas mulheres anônimas que intercedem no seu próprio cotidiano, alterando seu *modus operandi*; pelas ativistas que estão na linha de frente dos movimentos feministas; pelas docentes nos espaços acadêmicos que contagiam positivamente suas e seus estudantes. Tenho vivido essa

¹⁰² Trechos do discurso de Ângela Davis. <<http://blogdaboitempo.com.br/.../o-discurso-de-angela-davis-na-marcha-das-mulhere>>. Acesso em 10 de março de 2017.

¹⁰³ Para entender melhor sobre esse movimento, ver mais sobre: 8M - Greve Internacional das Mulheres.<<http://blogdaboitempo.com.br/?s=8+de+março>>. Acesso em 10 de março de 2017.

experiência em sala de aula. Tenho falado e tenho ensinado com base em temas da vida das mulheres em seus dilemas pessoais, da desigualdade dos salários, da dificuldade de combater o machismo em seus lares, das relações abusivas com seus parceiros.

No próximo capítulo apresento o do feminismo e de quanto ele é imprescindível para o bem viver, de como ele é necessário para mudar nossa história. Vou continuar com esse propósito. Assim como modificou minha vida, poderá ser também para outras uma realidade semelhante.

Por um bem maior, pela coletividade. Todas e todos numa única toada. Da igualdade. Da equidade. Do respeito às diferenças.

3 EU, FEMINISTA?

Nessa experiência de contar minhas vivências, percebi que meu percurso formador foi repleto de aprendizados significativos, e de conhecimentos que me impulsionaram repensar minha existência enquanto mulher. “Caminhei para mim” por meio da perspectiva de uma formação consciente respaldada em Marie-Christine Josso. Concomitantemente, consegui um equilíbrio entre minhas experiências e a apreensão de um conhecimento específico na área da Linha de Pesquisa estudada. Nesse sentido, o Mestrado Profissional em Teologia me propiciou a inclusão na discussão sobre Gênero, Feminismos e Diversidade. Esse impacto positivo é contado por meio dessa dissertação.

Nesse capítulo abordo inicialmente minha experiência enquanto discente do Mestrado Profissional em Teologia e a repercussão das aulas sobre o feminismo em minha vida. Relatarei momentos de estudos nos períodos de julho de 2015, janeiro e julho de 2016 e janeiro de 2017. Além disso, serão revisitados outros momentos vividos ao longo de minha trajetória. Lembranças da infância e adolescência e minhas percepções enquanto mulher. Esses momentos do passado e do presente se entrelaçam e se entrecruzam enquanto vou interpretando essas novas vivências no meu processo de formação. Olhando para o futuro.

3.1 E o caminhar continua...

A primeira semana do mês de julho de 2015 começou com aulas do componente curricular: Justiça de Gênero, Diversidade e Educação conduzida pela professora Edla Eggert. As primeiras noções sobre os feminismos foram marcantes para iniciar o que considero como uma mudança no meu modo de pensar e enxergar a vida. Teve dia e teve hora para iniciar e, com certeza, não há previsão para terminar. O tema que eu não dominava se abriu para mim como quando se abre um livro com páginas de bordas douradas e que, quando folheadas, parecem colocar mais brilho nas palavras que ainda não foram lidas e que, então, avidamente se quer decifrá-las e entendê-las. Não vou exagerar ao afirmar que o encantamento se fez presente nessas semanas de estudos. Encantamento esse compartilhado

pela minha amiga de quarto, pois, ainda me lembro de como conversávamos sobre as aulas do dia e fazíamos o “balanço” de cada semana.

As descobertas eram tantas e o que mais me impressionava era entender que a sociedade patriarcal educa para tornar as pessoas cegas diante da divisão de papéis tão bem definidos. Eu fui até então, uma entre tantas milhares de mulheres com “vendas” nos olhos, reproduzindo o padrão dominante. E, a partir dessa constatação, todas as minhas vivências foram se desnudando tão claramente para mim que a cada lembrança de momentos já vividos, via o quanto uma ideologia e uma educação que versam nessa perspectiva patriarcal-capitalista podem emudecer tantas pessoas. A minha alma parecia até então calada. E nesse afã de novas descobertas eu queria falar e entender mais ainda o porquê dessa descoberta ser tardia. Numa mistura de sentimentos, senti-me culpada e ao mesmo tempo liberta e grata.¹⁰⁴

Que educação foi essa que me fez cega e surda diante do mundo? Entre ser vítima e também culpada fui enveredando nas descobertas desse “novo” modo de enxergar a vida e as pessoas. Veio o entendimento de que pouco se pode diante de séculos de exclusão, de massacre contra as mulheres, de fogueiras que consumiam corpos e posicionamentos de enfrentamento. Veio claramente a lição de mulheres que há séculos passados já se defendiam diante das injúrias masculinas. As histórias dessas mulheres me mostraram que os caminhos foram delineados e que o caminhar continua, e, que, se o meu se iniciou tardiamente, de alguma forma vai contribuir para que outras pessoas possam acessá-lo mais cedo, começando pelas minhas filhas, Laura e Fernanda.

Comecei a me lembrar da infância, da juventude, lapsos de momentos vividos também na vida adulta. A última imposição que meu pai fez a mim me levou a recordar a submissão natural das mulheres em relação aos homens e ao que era até então natural: a hierarquia de uma família nuclear patriarcal e monogâmica. Havia

¹⁰⁴ Alguns textos foram estudados no primeiro componente curricular: “O ‘dentro’ e o ‘fora’ do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora”, de Edla Eggert e Marcia Alves da Silva, Educação Unisinos volume 14, nº 1, Janeiro/Abril 2010. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* de Guacira Lopes Louro, Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000. *Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero*, de Edla Eggert e Marcia Alves da Silva, Contexto & Educação: Editora Unijuí, ano 26, nº 85, Jan./Jun. 2011. *Sexo bom, Sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos* de Mary R. Hunt, Cadernos nº 7 – Católicas pelo direito de decidir, 2001.

combinado com meu marido, Fernando, antes do casamento, que não mudaria meu nome de solteira. Ele, sem qualquer objeção, aceitou minha decisão. Mas meu propósito não se concretizou à medida que meu pai tomou conhecimento e me questionou quanto ao sobrenome que deveria se perpetuar na nova família que se constituiria. Aquiesci descontente! Hoje eu sei que não consegui sustentar meu desejo, pois não sabia o que sei hoje sobre as mulheres. Naquela época não pensava em igualdade entre mulheres e homens, não pensava na perspectiva dos direitos das mulheres, não sabia da luta das mulheres que há séculos vem sendo travada. A submissão se naturaliza e desse modo não percebia que havia possibilidade de resistência. Relatei essa questão da escolha do sobrenome em sala de aula como uma das minhas experiências de vida.

Outras passagens vieram à tona. Lembranças de minha mãe e suas submissões constantes parecem que machucavam minhas memórias. Em sua única tentativa de escolha, e que no final não se concretizou, ela havia decidido por separar-se de meu pai quando meus irmãos e eu éramos crianças. Tinha eu então dez anos, era o ano de 1982. Ela nos reuniu e disse de seus propósitos. Não houve o término do casamento. Soube já adulta que sua decisão não foi levada adiante porque meu pai havia lhe dado um ultimato: poderia haver separação, mas ele não iria se responsabilizar financeiramente por nós. Ela sentiu-se impossibilitada de prosseguir sozinha, afinal, o homem como modelo universal de provedor do lar era a única definição que ela conhecia para o casamento, para a família e sua manutenção. Se, naquele episódio ela pudesse ter mantido sua vontade, se ela soubesse de sua força enquanto mulher, muitas situações teriam sido evitadas e muito sofrimento teria sido poupado, principalmente para ela. Posteriormente, consegui exercitar sua liberdade de pensamento e passou a tomar muitas decisões por sua vontade e desejo, embora ainda com alguns embates. Mulheres, casamento e as suas amarras me lembraram da artista plástica que estudamos.

Frida Kahlo nos foi apresentada pela professora Edla.¹⁰⁵ Já havia ouvido falar, muito pouco, embora existam filmes sobre sua história de vida. Uma mulher que transgredia regras e padrões, e que, mesmo diante de muito sofrimento, também marcou sua passagem de forma histórica, como artista e como mulher. Fiquei

¹⁰⁵ Veja, por exemplo, o texto de DEIFELT, Wanda. *O corpo em dor: uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo*. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBl, 2004. P. 15-36.

imaginando o poder que as mulheres têm e nem sabem. Nascemos com uma força única ou necessitamos de estímulos? Ou será que no caso de Frida as dores a moldaram assim? Uma mulher que me fez refletir sobre a vida de outras tantas mulheres no mundo e com a leitura de textos do livro “[Re]Leituras de Frida Kahlo”¹⁰⁶ me mostrou outras possibilidades de enxergar uma história de vida.

Este livro traz, de forma inovadora, releituras de obras da artista mexicana Frida Kahlo, através das interpretações de autoras e autores na perspectiva da teologia feminista, essencialmente na forma como cada uma e cada um sentiu e descreveu suas pinturas, em sua expressividade e sua verdade. A riqueza dessas releituras está justamente na sensibilidade das palavras que enriquecem as possibilidades de outras e novas significações das obras da artista mexicana, em nuances particulares que foram revistas em seus dramas pessoais e coletivos, nas mortes, nas dores, nas divindades e toda representatividade existente. *Unos cuantos piquetitos (1935)*, *La venadita (1946)*, *Yo soy la desintegración (1944-1954)*, *Moisés (1945)*, *Nacimiento o Mi nacimiento (1932)*, foram algumas das obras revisitadas e apresentadas nesse livro que convergiu para o que Frida primorosamente queria expressar: a vida em sua condição humana.¹⁰⁷

Em seu livro *Via(da)gens Teológicas*¹⁰⁸, André Musskopf analisa o quanto os quadros da artista refletiam sua própria vida, exprimindo a realidade de Frida Kahlo:

La venadita é fruto de um período crítico na vida de Frida Kahlo. De Julho de 1945 a Janeiro de 1947 ela passou por diversas cirurgias e pintou “três de seus mais vívidos quadros que lidam abertamente com suas enfermidades, cirurgias, e recuperações”. No quadro *Sem esperança* (de 1945), ela retrata a dieta à qual foi submetida pelos médicos para ganhar peso. Em *Árvore da esperança – Mantenha-se firme*, a dualidade Azteca de sol e lua se prolongam nas duas Fridas: uma deitada na maca, de costas e com ferimentos sangrando; e a outra vestida como Tehuana, segurando o colete que também sustenta sua coluna e uma bandeira que traz o nome da pintura. No terceiro quadro, o corpo de Frida Kahlo torna-se o corpo do próprio “veado ferido” (*La venadita*), que não é apresentado simplesmente como símbolo, mas como a própria pintora na expressão do seu rosto inconfundível.¹⁰⁹

¹⁰⁶ EGGERT, Edla (Org.). *[Re]Leituras de Frida Kahlo: por uma estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008, 184 p.

¹⁰⁷ Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon foi considerada uma das mais importantes artistas do século XX. Pintora mexicana que travou um drama pessoal durante sua vida e que foi expresso em suas obras. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/frida-khalo/>>. Acesso em 09 de abril de 2017.

¹⁰⁸ MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens Teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

¹⁰⁹ MUSSKOPF, 2012, p. 446.

A artista representava suas dores e seus sofrimentos em seus quadros. Respondia, através da arte, aos maus tratos e as constantes traições de seu marido, Diego Rivera. “Ela e suas pinturas são sempre mais complexas do que qualquer descrição simples possa captar”¹¹⁰. Fui me conscientizando e compreendendo, cada vez mais, nesse processo de conhecimento, de que ser mulher em qualquer período da história do mundo não é tarefa fácil. Sobre a “conscientização” é oportuno destacar o que pensa Josso:

Conceito que será introduzido e desenvolvido como um dos marcos da dinâmica do processo de conhecimento – que acompanha a integração de práticas na cotidianidade e no conjunto comportamental – se realiza no ritmo das transformações existenciais e compreensivas.¹¹¹

O meu caminho foi também sendo lapidado por “sabores e saberes”. Essa foi outra descoberta pelas mãos e falas sensíveis da professora Edla. Os sabores presentes representados pelas frutas secas, pelas cucas típicas do Sul, pelos chás que nos aqueciam do inverso rigoroso, dentro de um ambiente preparado com velas e toalhas de chita coloridas. Pensados para acolher e para proporcionar o simples prazer da troca de saberes. Alinhando e alinhavando os conhecimentos houve até a possibilidade de crochêarmos e tricotarmos fios de linha e de lã que foram dispostos em sala. Nessa perspectiva, alguns pontos de crochê eu consegui fazer numa flor já iniciada, assim como meu aprendizado foi sendo alinhavado, ponto baixo, ponto alto, trançando e transformando. Aprendizagens numa perspectiva de pensar sobre a teologia feminista e de gênero, como uma conversa entre mulheres, e, que juntas constroem novos e outros saberes.

O sorriso de Mona Lisa,¹¹² filme analisado como proposta em uma das aulas com a professora Edla me possibilitou entender que a escolha pelo feminismo como “meu caminho”, seria um novo e outro modo de enxergar a vida. O feminismo faria com que eu, enquanto mulher, não estivesse mais vendo o mundo passar e apenas “*observando pela janela*”, mas seria um envolvimento consciente nesse processo.

¹¹⁰ MUSSKOPF, 2012, p. 450.

¹¹¹ JOSSO, 2010, p. 293.

¹¹² O Sorriso de Mona Lisa (no original em inglês, *Mona Lisa Smile*) é um filme americano de 2003 produzido pelo Revolution Studios e Columbia Pictures, dirigido por Mike Newell e escrito por Lawrence Konner e Mark Rosenthal. O título é uma referência à Mona Lisa, uma pintura famosa de Leonardo da Vinci que é uma comparação genial à atriz destaque desta obra, Julia Roberts, que representa a personagem Katherine Watson. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-40141/criticas/espectadores/>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

Às vezes tenho a impressão de que se não existe um propósito de vida, a caminhada não busca por sentido e se torna uma trajetória mais que instintiva pela própria sobrevivência. Só se percebe, quando o caminhar passa a ser relevante e passa a ter um grande propósito. As significações que se vai encontrando e que fazem com que se descubra em si mesma um sentido maior pela vida, se revelam pela fé, pelas pessoas que se ama e por novos objetivos pessoais e profissionais que ganham mais força a cada degrau alcançado.

No componente curricular: “Direitos sexuais, direitos reprodutivos e saúde”, conduzido pelo professor André, deparei-me com textos como “Fertilidade e infertilidade na Bíblia: Suspeitas a partir da teologia feminista”¹¹³, “Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica - O surgimento de ‘Católicas pelo Direito de Decidir’”¹¹⁴, entre outros, que colocaram temas considerados “tabus” em pauta numa perspectiva de defesa pelos direitos de escolha das mulheres. A teologia feminista e sua “suspeita” disseminou em mim a vontade de pensar e analisar as questões para além do aparente, da mera e simples constatação, numa perspectiva de totalidade dos fatos em todos os seus vieses. Suspeitar desacomodando e fortalecendo questionamentos. Quantas mulheres escolhem quando e se querem engravidar? E quantas milhares de mulheres abortam clandestinamente correndo risco de morte? Quando, mulheres que abortam, morrem, não é crime de omissão do Estado?

A descriminalização do aborto parece ser mais que necessária, mas é considerada polêmica. Diante de uma bancada de congressistas religiosos (com a ascensão da bancada evangélica) e conservadores, e, diga-se de passagem, num país considerado laico, as questões religiosas acabam tutelando as políticas públicas. Possivelmente haverá um retrocesso nas leis que legalizam o aborto, já que no Brasil, só não é considerado crime quando no caso de estupro, de fetos

¹¹³ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Fertilidade e infertilidade na Bíblia: suspeitas a partir da teologia feminista. *Revista Aulas*, n. 4, 2007. O texto discute as práticas em torno da fertilidade e maternidade nos períodos do Antigo Testamento. Analisa o mandato da maternidade como bênção, num contexto social que necessita dos corpos das mulheres como lugar de reprodução de mão de obra para o crescimento populacional. Insere as concepções e práticas sobre fertilidade e infertilidade presente nos textos bíblicos, num ambiente social mais amplo do Antigo Oriente Próximo.

¹¹⁴ R.-NUNES, Maria José; JURKEWICZ, Regina S. “Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica. O surgimento de ‘Católicas pelo Direito de Decidir’”. In: PEREIRA, Irotilde G., et al. *Aborto legal: implicações éticas e religiosas*. São Paulo: Publicações CDD, 2002, p. 17-70. Trata do aborto legal e suas implicações éticas e religiosas; do discurso oficial da Igreja condenando o aborto; nas ambiguidades e contradições no tratamento de questões relativas à sexualidade e à reprodução humana e das Católicas pelo Direito de Decidir – CDD – que desenvolve um discurso e uma prática de apoio a mulheres que, sem renunciar à experiência de fé afirmam sua autonomia e capacidade moral para tomar decisões relativas a todos os aspectos de suas vidas.

anencéfalos e em risco de morte à mãe. A discussão entra e sai da pauta pelas Comissões que a analisam, a partir da resistência e dos dogmas que se criam em torno do assunto.¹¹⁵

O final do primeiro período vivido na EST foi de revelação, de uma importância ímpar e de um sentido que ora se apresentou em estudar Teologia: o resgate da minha fé. “A fé vive e não se aplica” foi o que me veio à memória nos dias passados na instituição. Essa frase dita por uma pessoa anônima sempre foi minha resposta quando as questões religiosas me eram colocadas. Cada pessoa tem sua crença e a fé é uma construção subjetiva, pessoal e intransferível. A partir dessa vivência, voltei a cultivar a crença na palavra divina e nas interpretações das histórias contadas na Bíblia, e passei a perceber que as pessoas que dedicam seu tempo para discutir teologia acabam contagiando aquelas outras tantas que vivem no ceticismo voluntário, naquilo que lhes é oportuno, assim como eu havia escolhido. Esse caminho se mostrou para mim nas discussões sobre feminismos e sobre a fé e a religião, numa relação que eu jamais imaginaria que houvesse, mas que há. Eu, que escondia com primazia a minha crença num ser maior, supremo e inalcançável, fui colocada à prova sutilmente naqueles raros e grandes momentos da vida. E quão grata estou por isso ter acontecido. O tempo mais uma vez me brindando com suas lições de vida.

Voltei para casa revigorada, com uma alegria contagiante, com a esperança renovada e mais forte também. O choro me fez companhia em muitos momentos passados em São Leopoldo. Choro de emoção de poder acreditar na vida, o choro de satisfação por estar vivendo uma experiência que se mostrou como um bálsamo para minha alma, o choro de reencontrar e poder ressignificar minha história de vida, lavando minha alma. Redescobri-me como uma mulher capaz de recontar-me nas

¹¹⁵ Sobre a polêmica que gira em torno da questão do aborto e sobre os direitos reprodutivos, o texto: Religião, aborto e saúde pública: STF acertou em sinalizar pela descriminalização do aborto, é oportuno. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/religiao-aborto-e-saude-publica-stf-acertou-em-sinalizar-pela-descriminalizacao-do-aborto>>. Acesso em: 22 de abril de 2017. Acerca do posicionamento do Congresso Nacional sobre o tema e os projetos que prevê mais pena, a sugestão de leitura é do Jornal Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2016/12/01/maior-parte-dos-projetos-de-lei-sobre-aborto-no-congresso-preve-mais-pena.htm>>. Acesso em: 22 de abril de 2017. A adoção de políticas públicas ao invés da criminalização do aborto foi colocada em pauta pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal, Luiz Roberto Barroso. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,decisao-sobre-aborto-e-para-que-se-adotem-politicas-publicas-diz-barroso,10000091794>>. Acesso em: 22 de abril de 2017.

sutilezas da vida entre tantos tropeços e o choro, esse sim, me fortaleceu, trazendo esperança.

Na prática comecei a enxergar melhor os espaços das mulheres. A carga ideológica que é imposta ao longo da vida e que leva à passividade e à obediência tinha se esvaído diante da clareza do conhecimento. Nós, mulheres, muitas vezes naturalizamos a subordinação feminina. Acreditamos que nossos espaços são inquestionáveis e que não há exploração das mulheres pelos homens. As relações de exploração parecem ser inexistentes diante da ideologia dominante e sua reprodução, quase que imperceptível. Nossa cultura contribui de fato e que cultura é essa que apregoa tanta desigualdade? Levei esse questionamento e outros tantos desse “universo novo” (e que procurava por respostas) às minhas alunas e alunos do curso de Serviço Social. As mulheres passaram então a ter para mim uma importância até então não percebida. As mulheres e suas lutas por igualdade e visibilidade passaram a me encantar. Essa descoberta foi muito valiosa, mas, sobretudo, a possibilidade de ruptura das apropriações das quais sofremos enquanto mulheres, essa foi a que me trouxe a consciência do feminismo. Enxerguei-me também enquanto feminista, agora com orgulho.

3.2 Novas aprendizagens conscientes

Quando menina eu vivi em uma grande cidade e na adolescência fui morar no interior, num povoado sem energia elétrica, sem uma escola que me “coubesse”. Fui assídua leitora de uma pequenina biblioteca com um acervo praticamente consumido por mim ao longo dos sete anos vividos na Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Sem amigos e amigas, sem uma vida comum a qualquer garota entre os treze aos dezoito anos, confinei-me, então, aos livros. Da literatura brasileira de José Lins do Rego, Marcelo Rubens Paiva, Érico Veríssimo, Fernando Sabino à Vladimir Nabokov, Milan Kundera, Sidney Sheldon, Ágatha Christie, Umberto Eco, Colleen McCullough, outras autoras e autores, livros que me faziam, no meu isolamento, viver em outros mundos e culturas através de seus e suas personagens. Não foi um tempo fácil, mas tive esse inestimável alento, a leitura. Se voltasse a ler “Lolita”¹¹⁶

¹¹⁶ Lolita é um romance do ano de 1955 escrito pelo romancista russo-estadunidense Vladimir Nabokov. O romance é notável por seu assunto controverso: o protagonista é narrador não confiável, um professor universitário de Literatura de meia-idade chamado Humbert Humbert, obcecado por

hoje, teria uma interpretação feminista, e, possivelmente, teria minha dose de indignação e questionamento. Mas naquele tempo o feminismo nem sequer era uma possibilidade, simplesmente não existia para mim.

Os livros sobre gênero, feminismo e teologia passam a ser meus companheiros de cabeceira. Inúmeros deles estão empilhados e são lidos alternadamente. Acredito que fui e ainda estou a me (re) descobrir no pensar enquanto mulher consciente de si, questionando a cultura da masculinidade e sua supremacia¹¹⁷, enxergando novas possibilidades nos meus espaços, inspirada nessas leituras. “É possível sair da alienação, pela experiência da viagem no decorrer da qual tudo começa onde tudo acaba” afirma Josso¹¹⁸. E nessa experiência da viagem para o novo, ou quem sabe, de outra visão para o já vivido, um novo olhar se espraia para o conhecimento e para a vida, se transformando em novas e possíveis experiências.

As leituras no campo do feminismo e da teologia feminista são conhecimentos específicos que possibilitam para mim um alargamento na minha consciência. Essa “tomada de consciência” se processa como fundamental para novas práticas enquanto mulher. De “posse” desse novo “campo consciencial” é necessário um reposicionamento “no contexto do processo de conhecimento global e do processo de conhecimento específico”, como bem coloca Josso¹¹⁹. É um repensar para essa abertura que pretende uma mudança no que você já foi e no que objetiva ser, como um projeto pessoal que vai se concretizando a medida que a teoria se cristaliza na prática e se materializa nessa narrativa. A descrição desse processo de conhecimento e apropriação do feminismo vai sendo revelado no relato dos momentos que vivenciei e que vou também descobrindo nesse pensar, na sensibilidade que a escrita proporciona e ensina. Conhecimento libertador e transformador.

Nessas novas aprendizagens conscientes é preciso desaprender o que durante décadas ficou impregnado em minha formação enquanto mulher, reproduzindo um machismo que também me fazia mal, mesmo que

Dolores Haze, de 12 anos, com quem ele se torna sexualmente envolvido após ele se tornar padrasto dela. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lolita>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

¹¹⁷ Sugestão de leitura para aprofundar a discussão: Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação. Edla Eggert, Cadernos de Educação I FaE/UFPel 1 Pelotas 1261: 223-232. Janeiro/junho 2006.

¹¹⁸ JOSSO, 2010, p. 118.

¹¹⁹ JOSSO, 2010, p. 304.

inconscientemente. Como aprendente é necessário que eu faça uma avaliação das minhas vivências, uma autoavaliação para que uma nova forma de caminhar por um percurso que não me é familiar se efetive.¹²⁰

São passos quase que trôpegos nesse novo trajeto em que minha subjetividade e percepção possivelmente me mostrarão outros caminhos. Empenhar-me em posturas intencionais diante da consciência de que o feminismo é libertador me fez e faz escolher palavras, me ajuda na construção de novas ideias e ideais. São novos percursos e desafios cotidianos. De “posse” do feminismo com viés “acadêmico” e “científico” ponho a defender sua significação rebatendo as construções sociais em torno do mito criado e estigmatizado pela sociedade. Fiz isso na qualificação do meu projeto de pesquisa na EST.

Houve uma defesa apaixonada e consciente de uma feminista aprendente e novata. Talvez por não considerar-me mais uma mulher em situação inconsciente de opressão e exploração pelos homens, embora sujeita a possíveis discriminações por assumir-me como feminista, pude fazer frente por tantas outras mulheres que não possuem formação acadêmica e que são as consideradas “sujeitos centrais do feminismo”, as mais atingidas pelas situações de desigualdade constantes.¹²¹ Por todas elas e por mim acredito que a luta feminista é mais que necessária dentro de um sistema capitalista-patriarcal fundante da opressão e dominação das mulheres. Anteriormente à escolha sobre discutir o impacto do feminismo em minha vida, havia outras duas propostas: discutir a prevalência das mulheres na profissão de Serviço Social – primeiro projeto de pesquisa - e discutir sobre a autonomia financeira das mulheres que trabalham no espaço público – segundo projeto de pesquisa.

A segunda temporada na EST, em janeiro de 2016, foi bastante esperada e a ansiedade me consumia antes da viagem. Lembrei-me de uma amiga, aluna do MP na linha de pesquisa Ética e Gestão quando dizia que os dias passados em São Leopoldo eram inexplicáveis, e que só era dimensionado, vivendo-os. Outros componentes curriculares, mais doses das docências de André e de Edla. Outras professoras e outros professores que tive a satisfação de conhecer e de conviver. Em meio a outras discussões, trabalhos e decisões sobre a pesquisa a ser realizada, meus pensamentos estavam bastante alinhados nas discussões

¹²⁰ JOSSO, 2004, p. 238.

¹²¹ CISNE, Mirla. *Relações sociais de sexo, “raça”/etnia e classe: uma análise feminista-materialista*. In: *Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABPESS)*. Brasília: ABEPSS, 2000. 133-149.

propostas pela linha de pesquisa. Aprender na perspectiva de Josso “é descobrir novos meios de pensar e de fazer diferente”, é uma descoberta constante e revigorante no seu caminhar.¹²²

Vi-me diante do desafio de contribuir para “o movimento de feminizar o mundo”,¹²³ como bem coloca Rosiska Darcy de Oliveira, torná-lo menos masculino, menos sexista, menos machista. Acompanhar as mulheres em suas travessias pessoais, em caminhadas que precisam ser compreendidas e revigoradas por cada uma e por cada um que a ela se junta. Desacomodar as mulheres diante de tanta passividade e conformismo parece mais que óbvio. E mostrar para os homens o quanto a opressão machuca e que é possível para eles, também, a mudança de postura, na forma de pensar e agir, tornando-se aliados e não adversários.

A grande questão é desmistificar o feminismo e o que é ser feminista. Para a maioria das pessoas palavras que soam incômodas e que representam uma gama de mulheres mal-amadas e insatisfeitas com a vida. Palavras que são ofensivas, uma transgressão ao que nos foi imposto e um modo de pensar e agir fora dos padrões determinados. Para as novas gerações de mulheres a tarefa parece ser mais fácil, tanto no entendimento do que é o feminismo, quanto no que é ser feminista. Para as gerações passadas, talvez seja como um processo de “alfabetização” tardio, mas possível. As relações entre mulheres e homens **sempre foram de inferioridade das mulheres em relação aos homens**, um processo internalizado e pouco questionado, portanto, um desafio constante, de olhar para um passado repressor e modificar o presente e o futuro, tornando-os libertadores das amarras da inconsciência. Fazer acontecer, como está sendo para mim, uma descoberta e um olhar para si mesma. Enxergar o mundo das mulheres sem o “faz de conta” e as ilusões e sem o ponto de vista da lógica masculina.

Pensei acerca da minha travessia, da dificuldade de me enxergar no processo em que nós mulheres vivemos mergulhadas, inundadas pela cultura masculina e postas a reproduzi-la, para a passagem da consciência libertadora e de como assumi um novo ideal, saindo da clausura que afetou e ainda afeta minha geração e outras passadas, reproduzindo mulheres em seu eterno feminino, em seus espaços privados. O grande movimento é o de se desacomodar, de buscar o feminismo

¹²² JOSSO, Marie Christine. 2004, p. 241.

¹²³ OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 69.

libertador, de desmodelar o nosso cotidiano e elaborar outras histórias para nós mesmas, criando novos modos de vida, enfrentando as lutas diárias e tornando-as nossas bandeiras de luta constantes. Esse processo de assimilação das diferenças entre mulheres e homens impõe-se como necessária para o meu aprofundamento. Entender as lutas travadas em nossos lares, nos grupos de amigas e amigos dos quais participamos, no trabalho, é uma possibilidade de me repensar e de me recolocar enquanto mulher.

Nas aulas sobre Gênero, Diversidade e Cultura com a professora Daniéli Busanello, passei a entender que os ouvidos precisam estar mais bem apurados em sua escuta. As músicas também são armadilhas para as mulheres. “Faixa Amarela”¹²⁴ de Zeca Pagodinho e “Ai que saudades da Amélia”¹²⁵ de Ataulfo Alves e Mário Lago, que analisamos nas aulas, retratam a subserviência e desvalorizam as mulheres, incentivam a violência doméstica, reiteram a discriminação que sofremos diariamente e nos colocam como objetos de uso e abuso. Nós, mulheres, cantamos e dançamos os nossos sofrimentos e ainda assim não percebemos alienadas em nossas vidas cotidianas. Corpos que não escolhem por sua vontade e que representam o domínio masculino e o seu usufruto. Não escolhemos a maternidade, se escolhe por nós o tempo para sermos mães e a quantidade de filhas e filhos.

Nesse sentido, os direitos sexuais e reprodutivos devem ser discutidos pelas mulheres como vem sendo feito no feminismo e na teologia feminista. O tema vem apresentando discussões importantes e que ousam quebrar tabus. E as perguntas precisam de respostas: por que ainda hoje milhares de mulheres não decidem por si mesmas a respeito da reprodução e de sua sexualidade? Lembrei-me de um caso que acompanhei com uma colega assistente social e que retratava uma mulher grávida de seu décimo filho. Ela estava impossibilitada de decidir por si mesma, em pleno século XXI. Mulheres em seus dilemas pessoais e praticamente invisibilizadas pela sociedade, compondo somente as estatísticas do Ministério da Saúde quanto

¹²⁴ Estrofe da música Faixa Amarela de Zeca Pagodinho: Mas se ela vacilar vou dar um castigo nela/Vou lhe dar uma banda de frente/Quebrar cinco dentes e quatro costelas/Vou pegar a tal faixa amarela/Gravada com o nome dela/E mandar incendiar/Na entrada da favela. Disponível em: <<http://www.letras.mus.br/zeca-pagodinho/78480/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2017.

¹²⁵ Estrofe e refrão da música Ai que saudades da Amélia de Ataulfo Alves e Mário Lago: Às vezes passava fome ao meu lado/E achava bonito não ter o que comer/E quando me via contrariado dizia/Meu filho o que se há de fazer/Amélia não tinha a menor vaidade/Amélia que era a mulher de verdade. Disponível em: <http://www.letras.mus.br/mario-lago/377002/>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2017.

ao controle da natalidade, ineficaz, diga-se de passagem, sem a atenção e implementação de políticas públicas específicas.

3.3 Sejamos todas e todos feministas

Em outra temporada na EST, julho de 2016, estava eu refém da “ditadura da beleza”, tomando remédios para emagrecer e me enquadrar nos estereótipos definidos para as mulheres, na tentativa de alcançar pelo menos um desses quesitos. Somos alienadas aos padrões do mercado e tentamos reproduzi-lo: mulheres bonitas são magras, altas, loiras e de olhos claros. Um padrão excludente, com viés racista, de cunho eurocêntrico que faz inúmeras vítimas, e que, inconscientemente, faz com que a grande maioria das mulheres não se aceite como são e nem percebem que o reproduzem.¹²⁶

Aceitar-me como sou foi outra lição que aprendi com o feminismo. Nós, mulheres, somos mais que corpos e estética, somos cada uma importantes em nossas peculiaridades. Corpos magros ou gordos, brancas ou negras, cabelos lisos ou crespos, altas ou baixas, europeias ou latinas. Os posts nas páginas feministas¹²⁷ do *facebook* que tratam das mulheres e seus corpos me ajudaram a enxergar que somos importantes em nossa diversidade, sem competição. A página “Brasil Feminista” traz um conteúdo bastante enriquecedor sobre o feminismo, acompanhando diariamente notícias sobre mulheres, contribuindo nas mais variadas discussões e é considerado um “ponto de encontro dos coletivos feministas”.¹²⁸ Esta página me fez repensar sobre meu corpo. Mas nesse ínterim, os remédios me trouxeram um ônus: estava quase depressiva. Foram dias tristes e dolorosos, numa solidão que a princípio não conseguia identificar, mas, que passou rápido. Para o meu próprio bem não tomei mais remédios.

¹²⁶ Como sugestão de leitura, ver a publicação “*Ditadura da Beleza*” de Jorge Antônio de Menezes, que é especialista em cirurgia plástica da SBCEP/Minas Gerais, e faz relato de sua experiência. O autor descreve as novas, sutis e esmagadoras exigências da sociedade moderna em relação aos padrões de beleza vigentes, e essas imposições, gerando depressão, baixa autoestima e perda da capacidade competitiva embasada no não alcance desses padrões vigentes. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052006000200011>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

¹²⁷ Ver páginas na Internet como: Brasil Feminista; Feminismo poético; Feminismo sem demagogia; As Mina na História; Diário de uma feminista; Vamos juntas?; Não me Kahlo; Empodere duas mulheres; Ventre feminista; Diários de uma feminista; Soy Feminista. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>.

¹²⁸ Para conhecer a página acesse: <<http://www.brasilfeminista.com.br/>>.

Fomos ao cinema em Porto Alegre a convite da professora Edla assistir “As Sufragistas”¹²⁹, filme baseado em fatos reais de mulheres que lutaram e que morreram por mulheres, pelo direito ao voto numa história de luta pela igualdade de direitos. O enredo apresentou o cotidiano de mulheres que eram mães, trabalhadoras com extensa jornada, sujeitas à violência sexual, sem oportunidade de escolha e obedecendo à lógica machista. Sofreram represálias por se assumirem justamente como sufragistas. A coragem com que enfrentaram a luta pelo direito das mulheres marca a história das conquistas das mulheres. Quantas viveram e ainda vivem à mercê da escolha de seus pais e maridos? Muitas de nós. Por que, então, precisamos ser feministas? O filme nos respondeu: por que se não fizermos por nós quem o fará? Chamou-me a atenção ao final do filme a lista de países em que as mulheres conquistaram o direito ao voto e o ano ocorrido, alguns bem recentes, no ano de 2015. O sufrágio ainda não é universal. Parafraseando Chimamanda Ngozi Adichie “Sejamos todas e todos feministas”.¹³⁰

Quando uma mulher se assume feminista o tema “mulheres” salta aos olhos. Enxergo hoje o que antes não percebia, passo a visibilizar todas as reivindicações das mulheres. Oriento trabalhos de conclusão e, na faculdade as estudantes buscam o tema da violência contra as mulheres em muitos desses trabalhos. Percebe-se que o tema causa incômodo e motivação para a pesquisa por representar uma realidade que se traduz em números significativos e negativos. Mulheres sofrem agressões diariamente e não denunciam. Mulheres morrem justamente por que são mulheres¹³¹. A cultura do estupro é estimulada pela mídia e banalizada pela sociedade e pouco combatida. Joanna Burigo, afirma que a cultura do estupro se configura ao se duvidar da vítima quando ela relata uma violência sexual. Também quando se relativiza a violência em função da vida sexual da vítima

¹²⁹ Título original: Suffragette, ano: 2015 - Universal Pictures. No início do século XX, após décadas de manifestações pacíficas, as mulheres ainda não possuem o direito de voto no Reino Unido. Um grupo militante decide coordenar atos de insubordinação, quebrando vidraças e explodindo caixas de correio, para chamar a atenção dos políticos locais à causa. Maud Watts (Carey Mulligan), sem formação política, descobre o movimento e passa a cooperar com as novas feministas. Ela enfrenta grande pressão da polícia e dos familiares para voltar ao lar e se sujeitar à opressão masculina, mas decide que o combate pela igualdade de direitos merece alguns sacrifícios. Disponível em: <<http://tudorbrasil.com/2016/01/29/resenha-do-filme-as-sufragistas-por-que-precisamos-do-feminismo/>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017.

¹³⁰ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

¹³¹ Sobre o enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres, veja, por exemplo, textos publicados no Observatório Brasil da igualdade de gênero. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/areas-tematicas/violencia>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

ou de seu passado. “É mais fácil acreditarmos em narrativas de uma suposta malícia inerente das mulheres do que lidarmos com o fato de que homens cometem um estupro”¹³². Estupro é crime. Precisamos, nós, mulheres, olhar ao nosso redor. Necessitamos olhar para nós e combater todos os abusos que sofremos, quaisquer que sejam: no trânsito, nos empregos considerados “masculinos”, ou em nossos lares assumindo todas as tarefas consideradas “femininas”. Precisamos fazer a diferença em nós, para replicarmos em outras mulheres e nos homens também.

3.4 Caminhando para mim com a consciência de ser uma mulher feminista

A terceira temporada na EST, ainda em julho de 2016, trouxe o relato interessante da professora e coordenadora do Mestrado Profissional, Gisela Isolde Waechter Streck, que dizia desde a sua experiência sobre o feminismo de tempos atrás. Em alguns grupos feministas, segundo ela, para participar de reuniões havia alguns critérios eram bem definidos: não ter namorado e não ser casada era quesitos importantes e decisivos. Essas posturas equivocadas revelam como o movimento feminista passou por processos de construção de seus caminhos, em suas diferentes lutas, definindo seus ideais e sua busca por direitos. Feminismo da igualdade ou da diferença¹³³? Rosiska Darcy de Oliveira mostra nesse texto que a igualdade entre os sexos se configura na aceitação das diferenças sem hierarquia. Segundo a autora, as mulheres ganharam voz no século XX e no século XXI, há a exigência de que a voz feminina não seja o “eco absurdo de um mundo absurdo. Espera-se das mulheres um impacto sociocultural revolucionário. Uma inventividade em todas as áreas da existência”.¹³⁴

A incansável discussão sobre o feminismo não ser o contrário de machismo ainda é uma questão posta. As diferenças biopsicossociais existem porque são próprias dos seres humanos. As construções sociais é que devem ser repensadas e

¹³² No texto: “A cultura do estupro”, Joanna Burigo alerta que não podemos perder tempo disputando a realidade. Um ato sexual que acontece sem o consentimento de uma das partes envolvidas é um estupro. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

¹³³ Para entender sobre os impasses do debate: Igualdade versus Diferença nas discussões feministas, leia o texto de Adriano Senkevics. Disponível em: <<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/14/impasse-do-debate-igualdade-versus-diferencas-discussoes-feministas/>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

¹³⁴ OLIVEIRA, 2012, p. 161.

transformadas, para o bem da convivência entre as pessoas¹³⁵. Quando não há espírito de luta para saber quem se sobrepõe a quem, sem a prevalência do homem em detrimento da mulher, viver pode se tornar mais fácil e leve e o respeito prevalecerá.

Estudamos sobre a violência contra as mulheres no componente curricular: “Religião e violência contra as mulheres”, ministrado pela professora Marcia Blasi e ouvimos relatos de assassinatos de mulheres como sendo notícia banal. Compartilhamos a crueldade de mulheres que foram estupradas nas guerras civis, choramos as dores de meninas que são obrigadas a casar com homens que poderiam ser seus pais, nos indignamos com a dor das adolescentes que são espancadas por serem mulheres e que, em outras culturas, são obrigadas a serem escravas dentro de seus lares. Meninas que buscam a morte como solução, sem perspectivas, e muitas ceifadas de seus sonhos, se é que eles existem. Choro, dor, indignação e a consciência de que nós, mulheres, temos ainda um longo e duro percurso a seguir no enfrentamento diário em nossos lares, em nosso trabalho, em nossa comunidade, naquilo que queremos ser. Podemos sonhar, sim, e acreditar na transformação.

Cada passo nessa direção é a busca pela libertação da ideologia patriarcal que dissemina a desigualdade entre homens e mulheres:

À luz desta tradição, procurar-se-á encontrar explicações para a vigência, ainda hoje, dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão da mulher de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício quase exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas¹³⁶.

E o feminismo, enquanto perspectiva de mudança tem sua relevância e explicação. Ser feminista é abraçar a luta e a nossa causa, a minha e a de outras

¹³⁵ Indicação de leitura: *Gênero: a história de um conceito*, de Adriana Piscitelli. Sobre as construções sociais, a autora afirma sobre a atribuição de espaços sociais diferenciados para homens e mulheres e a discriminação que costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce e algo supostamente “natural”. A mesma autora discute sobre o conceito de gênero com o de feminismo e noção de identidade entre as mulheres no ensaio: *Re-criando a categoria mulher?* Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

¹³⁶ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 230.

incontáveis anônimas mulheres. Como li num post feminista: “ser mulher não deveria ser um risco”. Não deveria ser.

Reflijo constantemente sobre as lições que venho aprendendo com as discussões travadas no Mestrado em Teologia. A fé, que hoje tem para mim outra importância, tem a força de respaldar minhas ações e de resgatar a minha possibilidade de acreditar que é possível crer numa força que nos rege. Entender que as religiões definem as diversas culturas em nosso mundo é compreender como a cultura e a religião se interligam e explicam como as sociedades tratam seu povo, definem suas regras, se respeitam ou não. O componente curricular “Hermenêutica bíblica feminista”, ministrada pela professora Odja Barros, mostrou como a Bíblia sob a ótica das mulheres tem outras perspectivas em sua análise e leitura. As mulheres bíblicas mais visíveis na representação de Nancy Cardoso Pereira e Carlos Mesters através da publicação de “A Leitura Popular da Bíblia: à procura da moeda perdida” foi importante para mim nesse aprendizado.¹³⁷ A suspeita é a palavra-chave.

Estudar a Teologia Feminista, diferente do que eu imaginava, é entender como as mulheres contam suas histórias e mostram sua realidade, como elas pensam acerca de seus direitos e de como na perspectiva da teologia feminista se dissemina a possibilidade de mudança, tendo a suspeita sempre presente. Inspira homens e mulheres a não travarem batalhas, homens e mulheres em busca de superar os estigmas que definiram os padrões existentes e excludentes em nossas sociedades. Mulheres sem medo dos homens, caminhando juntas e juntos.

Na quarta e última temporada na EST, em janeiro de 2017, tivemos o componente curricular: “Relações de Gênero, Raça/Etnia e Classe”, com a presença da professora Lílian Conceição da Silva Pessoa de Lira. Por meio dela, conhecemos o Feminismo Negro e refletimos como a interseccionalidade nas relações sociais de gênero, raça/etnia e classe se expressa na vida cotidiana das mulheres. Autoras como Lélia Gonzalez com o texto: *A juventude negra brasileira e a questão de desemprego*; Luiza Helena de Bairros com o texto: *Nossos feminismos revisitados e*

¹³⁷ PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. *A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

Sueli Carneiro com o texto: *Gênero, raça e ascensão social*, foram algumas mulheres estudadas.¹³⁸

Outra experiência valorosa foi com a professora cubana Nívia Ivette Núñez de La Paz, que conduziu as aulas no componente curricular: Gênero, Diversidade e Políticas Públicas¹³⁹. Os estudos desses componentes curriculares propiciaram reflexões e promoveram o aprofundamento de conhecimentos sobre os feminismos e as políticas públicas, assim como, a constante articulação entre os estudos de Gênero, Feminismos e Diversidade, foco central do curso.

Foi também o início de minha despedida destas vivências tão valorosas. Entendi que as mulheres precisam trocar experiências, pois elas têm imenso valor. É importante para o feminismo. Lembrei-me da frase: **“Mulheres são como rios, crescem quando se encontram”**¹⁴⁰. O meu primeiro passo para esse encontro com outras mulheres foi dado. Em comum, entendo que certos problemas surgem de uma estrutura chamada “patriarcado” e como consequência, o seu machismo que funciona como estratégia para manter o mesmo. Precisamos tirar “os óculos” que nos vendam. Tornar-se feminista possibilita ir contra uma visão de mundo hegemônica que molda o tratamento dado às mulheres. São tratamentos desumanos que desvalorizam as vivências, que deturpam as experiências, nos tornando frágeis diante da força do patriarcado, do machismo que impera. Mas, como um rio se torna caudaloso quando suas águas ganham força, acredito que esse é o caminho. Do fortalecimento conjunto.

Caminhar para si com a consciência de ser uma mulher feminista, de compor as múltiplas vozes que fortalecem o feminismo contemporâneo. De lutar de uma

¹³⁸ Os textos estudados: GONZALEZ, Lélia. A Juventude Negra Brasileira e a Questão do Desemprego. In: Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Assotiation. Pittsburgh, 26-29 de abril de 1979. BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 458-463, 1995. CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

¹³⁹ Um dos textos estudados neste componente curricular foi: *Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*, de Boaventura de Sousa Santos. Neste texto o autor argumenta que as linhas cartográficas “abissais” que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na era colonial subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo. A injustiça social global estaria, portanto, estritamente associada à injustiça cognitiva global, de modo que a luta por justiça social global requer a construção de um pensamento “pós-abissal”.

¹⁴⁰ Essa frase ficou muito conhecida através das marchas realizadas pelos movimentos feministas. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf/posts/496009070468452>>. Acesso em 09 de julho de 2017.

forma que motivem outras mulheres a se juntarem, de poder contribuir positivamente com outras tantas por um feminismo que vibre e replique. Para que a desigualdade de gênero que vivemos seja somente um sonho ruim, que ficou no passado. Quem sabe não mudamos definitivamente o rumo dessa história?

Assim, diante dessas vivências que se transformaram em experiências e que relatei nesta narrativa de vida, no meu percurso formativo, entendi que milhares de mulheres também tem muito que contar. No anonimato de suas vidas cotidianas ou nas histórias que ficaram e marcaram a história da humanidade. Representei nessa experiência as mulheres anônimas, as Marias, as Anas, as Franciscas. Prosseguimos acreditando na mudança, no que hoje parece não ser possível, mas que amanhã quem sabe? Seguimos com a certeza de que cada uma que conte sua história transforme sua realidade. Ela replicará.

É difícil terminar esse capítulo. Sinto que tenho tanta coisa ainda pra dizer, mas talvez não caiba aqui. O fim pode ser um começo. Nessa experiência de contar minhas vivências e as experiências que dela surgiram, acredito que me fortaleci. Como mulher principalmente. O conhecimento propicia a mudança, é a grande possibilidade de transformação.

Finalizo num domingo de Páscoa, num dia de comemorar o renascimento. De celebrar a vida, uma nova vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definitivamente nada está concluído. Ainda tenho muito a refletir, e a caminhada para mim prosseguirá. Mas, como condição para finalizar esse trabalho, algumas considerações são importantes e pertinentes. Tenho a consciência de que a mudança que vivenciei dimensionou minha trajetória. Ela se reconfigurou. Ainda tenho mais descobertas, elas continuam e continuarão acontecendo, e essas, prováveis, poderão ser contadas em outro momento, quando outros passos forem sendo dados no sentido de ampliar as discussões aqui desencadeadas.

Como vimos no primeiro capítulo, a formação da minha consciência, no sentido de vivenciar e experienciar as discussões sobre os feminismos na Faculdades EST, se inseriu num processo social e num contexto específico que, embora tenha se processado individualmente, está fundamentalmente vinculado com as relações sociais que estabeleci com as pessoas, mulheres e homens, que compartilharam comigo desses e de outros momentos posteriores. Portanto, esse processo envolve também, as relações coletivas, políticas e/ou institucionais e culturais que desenvolvemos.

O Mestrado Profissional em Teologia e a Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade foram as vivências determinantes e desencadeadoras desse meu contar. Como metodologia embasadora, e que possibilitou estruturar meu trabalho, utilizei as referências de Marie-Christine Josso. O percurso que a autora descreve nesse processo de “Caminhar para si”, envolve o reconhecimento do sujeito que conta sua história, enquanto protagonista, de modo a perceber sua trajetória de forma consciente, compreendendo os processos vivenciados. À medida que novos conhecimentos foram sendo apreendidos por mim, houve a perspectiva de mudança numa mesma sequência temporal da elaboração da narrativa. A evolução desta narrativa testemunhou uma realidade de questionamentos, de rupturas, das dinâmicas que envolveram esse meu contar, das significações, do conhecimento teórico específico, enfim, que alimentaram esta história.

Nesse processo, a intencionalidade se fez presente. Compreendi minha formação e meu papel como sujeito desta formação. A consciência desta dinâmica durante os momentos que revisei meu passado e relatei o meu presente, foram e

são a (re)construção de minha vida. Esta atividade de elaboração e construção da narrativa me lançaram luzes quanto a ser o sujeito no centro desse processo e evidenciaram minha autointerpretação. Em alguns momentos de nossas vidas, ela acontece de forma espontânea, já nesse processo das narrativas de formação, a autointerpretação é intencional e tem importância fundamental, pois, possibilita uma reflexão apurada e crítica deste percurso específico que experienciei.

A Faculdade EST como instituição de ensino, foi apresentada ainda nesse capítulo, contextualizando informações históricas relevantes para a compreensão da criação da Linha de Pesquisa ora estudada. As produções teológicas de gênero e/ou feministas, a partir da criação desta Linha de Pesquisa, estarão dando novos rumos para o desenvolvimento das temáticas na instituição, que fomenta a justiça de gênero e demonstra o quanto necessária é a Teologia Feminista e de Gênero. Sim, ela é mais que necessária, ela é fundamental para pensarmos numa transformação social, na transformação do sistema patriarcal-racista-capitalista que tanto nos oprime, que nos divide, que nos explora, que nos torna infelizes.

No segundo capítulo, busquei, com o embasamento dos fundamentos teóricos sobre três autoras distintas, analisar criticamente a construção de cada uma delas no que diz respeito a um pensamento feminista. Enquanto movimento político, o feminismo era inobservável para Pizán e Wollstonecraft, haja vista, que o mesmo emergiu muito tempo depois dos seus escritos e do próprio tempo que essas mulheres viveram. Isso não as impossibilitou do questionamento das relações de poder impostas pelas sociedades em que viveram em seus diversos contextos. Em comum, Christine de Pizán, Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir fizeram críticas à subordinação feminina, encontrando elementos que dificultavam a formação de uma consciência emancipatória das mulheres: o não acesso à educação. O conformismo e a passividade das mulheres se explicavam na Idade Média e na Idade Moderna, onde o que se esperava delas era apenas a adequação a um comportamento “feminino”, com papéis definidos e impostos.

Rompendo com esses estereótipos, essas autoras questionaram por meio de seus escritos o antagonismo social correspondente às relações de exploração e dominação. Questionaram as relações de poder, o patriarcado, as opressões e a própria ideologia da natureza feminina que confinou e ainda confina as mulheres à

espaços determinados, especificamente, o espaço privado. A superação dessas desigualdades, das estruturas e das relações sociais de dominação foram as “bandeiras de luta” dessas mulheres, que através de suas consciências individuais, pretendiam alcançar uma consciência coletiva. Deixaram para todas e todos nós um grande legado: a liberdade individual depende sobremaneira da liberdade coletiva. Esse chamamento esteve presente nos escritos de Christine, Mary e Simone, e em suas histórias de vida.

Além disso, entendo que as autoras citadas, contribuíram para que o feminismo fosse esse movimento tão importante e fundamental para todas as mulheres do mundo. Para as mulheres saírem de seus aprisionamentos, de suas realidades tão diversas e também tão semelhantes. Os comportamentos considerados “naturais” ou “imprimidos” para nós mulheres como parte de uma essência feminina são, verdadeiramente, construções sociais equivocadas, determinadas, ou seja, são frutos de processos históricos e culturais. Aprendemos a cuidar da casa enquanto nossos irmãos brincavam, aprendemos a ser caprichosas e nossos irmãos eram valorizados pelo desleixo, enfim, nós ganhamos as vassourinhas de presente, as bonequinhas, as panelinhas. E é ainda nesse cenário preparado para as mulheres, é que podemos iniciar a mudança. O trabalho doméstico é para todos e deve ser compartilhado, e nosso processo de socialização deve ser desde a infância, um processo que não enfatize a diferença entre mulheres e homens como sendo causas meramente naturais, e sim, como um processo simbólico e **arbitrário**.

Enfim, no terceiro capítulo relatei minhas vivências que se transformaram em experiências. A formação da minha consciência feminista foi se evidenciando nesse relato, e a tomada desta consciência também foi se processando. Pensar na formação dessa consciência exigiu, antes de tudo, a compreensão do modo como às mulheres são socializadas, e de que as mulheres também são marcadas pela força da ideologia patriarcal, que as cega diante da realidade. Na medida em que fui estudando os componentes curriculares do Mestrado Profissional em Teologia, fui descobrindo que as desigualdades e as violências sofridas pelas mulheres possuem determinações comuns e, que, como as autoras estudadas no segundo capítulo deixaram evidente, a liberdade individual só se dará com a liberdade de todas.

Nesse processo de me “lapidar” como uma mulher feminista (com consciência de si), uma nova consciência foi sendo forjada: a consciência militante.

A forma de reconhecimento desta consciência replicou e replica em minha vida profissional. Em meio à elaboração desta dissertação, desenvolvi um projeto com alunas do quinto período, em uma das faculdades em que atuo como docente do curso de Serviço Social. Grafitamos o banheiro das mulheres com figuras de três mulheres ícones: Dandara, Frida Kahlo e Simone de Beauvoir. Discutir sobre a importância dessas mulheres e do movimento feminista também é forjar-se na luta e na força coletiva. É um processo de formação política. Contudo, é importante ressaltar que a tomada de consciência por parte dessas alunas tem uma dimensão subjetiva e individual, e que demanda uma apropriação singular de cada uma delas. O feminismo para elas, assim como foi comigo, deve primeiro possibilitar o encontro delas com elas mesmas, o encontro de cada mulher consigo. É o começo.

À medida que nós, mulheres, saímos da invisibilidade, mesmo diante dos conflitos que se estabelecem nas estruturas familiares, nas Igrejas e nas Escolas, temos a possibilidade de romper com a ideologia burguesa, de romper com a ideologia de naturalização dos sexos e de toda alienação que perpassa e que se associa a ela. Temos a possibilidade de romper com essa “imagem” de mulher idealizada pelo patriarcado, de mulher submissa e passiva. O feminismo como movimento social, encontra espaço na educação e precisa ser discutido, e deve ser problematizado. É um movimento múltiplo e diversificado, da mesma forma que são as mulheres que o compõe. São mulheres que, em sua diversidade produzem tensões e discordâncias, portanto, precisamos aprender a dialogar em nossas diferenças. Somos plurais!

O desafio fica posto. Assim como o Serviço Social tem um Projeto-ético-político que pretende uma sociedade mais justa e igualitária, e que acredita poder transformar essa realidade, o desafio para o feminismo é também a construção de uma nova sociedade. A luta das mulheres é política também. A luta das mulheres perturba a “ordem/desordem” instituída. Estamos vivenciando um momento de profunda mudança no cenário político brasileiro, estamos numa avalanche de corrupção que erodiu nossas estruturas, que **eclodiram** nossas esperanças. As mulheres estão saindo às ruas levantando bandeiras. Chega de feminicídio. Nenhum

direito a menos. Fim da mutilação genital feminina. Fim de casamentos forçados. Fim da cultura do estupro. Direito à educação. Descriminalização do aborto. Esse é o espírito do feminismo. Autonomia e liberdade para um futuro com mais dignidade.

Este trabalho foi se configurando mediante as minhas próprias descobertas. O Mestrado Profissional em Teologia possibilitou a escolha de ser uma mulher feminista. Inspiro-me na primeira feminista que conheci que foi a professora Edla, e que foi sem dúvida, o meu referencial. Encontrei no do feminismo, uma nova perspectiva para pensar sobre a minha existência, nesta breve passagem que é a vida, me trouxe um novo alento.

Muitas vezes a emoção toma conta de mim. Neste momento, por exemplo. Quando releio essa narrativa percebo quanto o feminismo foi e está sendo fundamental para eu construir essa nova mulher. São reencontros e novos encontros comigo mesma, é um desacomodar contente, consciente, revigorante. Tenho tendência à ‘romancear’, a ser ‘literária’ em minhas narrativas, como bem coloca o meu orientador, André Musskopf. Mas se não for pra ser intensa, de que vale viver essa transformação? Chega de passividade diante da vida. Ou vamos às profundezas ou contemplamos a superfície! Prefiro a primeira alternativa, mesmo que o fôlego, ou a falta dele, me surpreenda.

Como já dizia Emma Goldman, militante do movimento das mulheres no século XX, “Se não posso dançar, não é minha revolução”¹⁴¹.

¹⁴¹ Emma Goldman foi uma das fundadoras do moderno movimento de luta das mulheres, o qual está umbilicalmente ligado à luta do movimento operário e pelo socialismo. Emma Goldman foi agitadora e propagandista em defesa da liberdade sexual da mulher, de denúncia contra o caráter ditatorial do casamento, do ateísmo, da liberdade e da educação sexual das crianças, do direito da mulher ao controle de natalidade e dos direitos civis das mulheres. Disponível em: <http://economiasocialistads.blogspot.com.br/2009/03/emma-goldman-se-nao-posso-dancar-nao-e.html>. Acesso em 09 de julho de 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALBORNOZ, Suzana. *Do segundo sexo por Simone de Beauvoir*. In: PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, p. 104.

BAIROS, Luiza. *Nossos Feminismos Revisitados*. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 458-463, 1995..

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO, 1967, p. 9.

BURIGO, Joanna. *A cultura do estupro*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Org.). *Querida Ivone - Amoras cartas de teologia & feminismo*. 1ed. São Leopoldo: CEBI, 2014.

CARNEIRO, Sueli. *Gênero, Raça e Ascensão Social*. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 544-552, 1995

CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. p. 17.

_____. Mirla. *Relações sociais de sexo, "raça"/etnia e classe: uma análise feminista-materialista*. In: *Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABPESS)*. Brasília: ABEPSS, 2000. 133-149.

_____. Mirla. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 98-99.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. Ver p. 11-18.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015, p. 46.

DEIFELT, Wanda. *O corpo em dor: uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo*. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004. P. 15-36.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

EGGERT, Edla; PAIXÃO, Marcia. Revista Estudos Feministas (julho/dezembro de 2012): *A retomada do conceito de opressão por meio dos cativeiros das mulheres de Marcela Lagarde* – questões para debate. O texto está disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys22/education/edla.htm>>.

_____. Edla. *As mulheres e o tempo para fazer filosofia*. In: PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, p. 88-92.

_____. Edla. *domÉSTICO: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos*. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004. p. 232.

_____. Edla; SILVA, Marcia Alves da. “O ‘dentro’ e o ‘fora’ do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora”. *Educação Unisinos* volume 14, nº 1, Janeiro/Abril 2010.

_____. Edla; SILVA, Marcia Alves da. *Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero*. Contexto & Educação: Editora Unijuí, ano 26, nº 85, Jan./Jun. 2011.

_____. Edla (Org.). *[Re]Leituras de Frida Kahlo: por uma estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008, 184 p.

_____. Edla. *Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação*. Cadernos de Educação I FaE/UFPeL 1 Pelotas 1261: 223-232. Janeiro/junho 2006.

EST, Faculdades. *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Arquivos da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional. São Leopoldo, 2015.

_____. Faculdades. *Plano de Implementação do Projeto: Programa de Gênero e Religião – Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa de Gênero e Religião. São Leopoldo, 2013.

_____. Faculdades. *Plano de Implementação 2015 - Projeto: Programa de Gênero e Religião - Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa de Gênero e Religião. São Leopoldo, 2015.

_____. Faculdades. *Projeto de implantação do Programa de Gênero & Religião (2009-2011)*. Arquivos do Programa Gênero e Religião. São Leopoldo, 2008.

_____. Faculdades. *Relatório Narrativo Anual 2015 do Projeto Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa Gênero e Religião. São Leopoldo, 2015.

GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. Tradução de Jacqueline Castro. – São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 36.

GIULANI, Paola Cappellin. *Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira*. In: DEL PRIORE, Mary (Org). 10. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. 640-668.

GONZALEZ, Lélia. *A Juventude Negra Brasileira e a Questão do Desemprego*. In: SEGUNDA CONFERÊNCIA ANUAL DO AFRICAN HERITAGE STUDIES ASSOCIATION. Pittsburgh, 26-29 de abril de 1979.

GUERRERO, Catalina. *Simone de Beauvoir, a filósofa que libertou as mulheres – e os homens*. Disponível em: <<https://avecbeauvoir.wordpress.com/>>. Acesso em 06 de junho de 2016.

HUNT, Mary R. *Sexo bom, Sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. Cadernos nº 7 – Católicas pelo direito de decidir, 2001.

JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para si*. Trad. Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 270.

_____. Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. Adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004. p. 60.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MENEZES, Jorge Antônio de. “*Ditadura da Beleza*”. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198020052006000200011>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.

MIRANDA, Daniel M. *Brevíssima Contextualização Histórica e Biográfica*. Prefácio da 1ª edição de Reivindicação dos Direitos das Mulheres/Mary Wollstonecraft. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 8.

MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST: a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014. 130 p.

_____. André (Org.); BLASI, Marcia (Org.). *Ainda feminismo e gênero - Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. 1. ed. São Leopoldo: CEBI, 2014.

_____. André. O extermínio de adolescentes e jovens nas regiões Leste e Nordeste de São Leopoldo: In/Conclusões. In: André Sidnei Musskopf; Jaira Adriana Garske;

Odete Zanchet [et al.]. (Org.). *Desvelando percepções de uma realidade: O extermínio de adolescentes e jovens*. 1ed. São Leopoldo: CEBI, 2014

_____. *Via(da)gens Teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2008.

_____. Elaine Gleci. *Fertilidade e infertilidade na Bíblia: suspeitas a partir da teologia feminista*. *Revista Aulas*, n. 4, 2007.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 69.

PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org). – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, 207 p.

PASSOS, Lucas. *Literatura (d)e autoria feminina – questões introdutórias*. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/escrita-feminina/>>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

PEREIRA, Nancy Cardoso; MESTERS, Carlos. *A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

PISANO, Margarita. *El triunfo de la masculinidad*. Reprodução em PDF com autorização de Fem-e-libros/creatividad feminista, año de 2004.

PISCITELLI, Adriana. *Gênero: a história de um conceito*. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

_____. Adriana. *Re-criando a categoria mulher?* Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

R.-NUNES, Maria José; JURKEWICZ, Regina S. *Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica*. O surgimento de Católicas pelo Direito de Decidir. In: PEREIRA, Irotilde G., et al. *Aborto legal: implicações éticas e religiosas*. São Paulo: Publicações CDD, 2002, p. 17-70.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. *Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação Brasileiros*. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, nº. 138, p. 17, jan.-mar., 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Novos estudos. - CEBRAP n. 79. São Paulo, Nov. 2007.

SCHARDONG, Rosangela. *Construção da obra literária em defesa da mulher: estratégias de Cristina de Pizán e María de Zayas*. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS e II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS, 2010, Campo Grande.

SCHUCHARDT, Ketlin Laís; SENGER, Sabrina (Orgs.). Ivone Gebara: Doutora Honoris Causa. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2014. 69 p.

SENKEVICS, Adriano. *Igualdade versus Diferença nas discussões feministas*. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/14/impasse-do-debate-igualdade-versus-diferenca-nas-discussoes-feministas/>>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

STROHER, Marga Janete (Org.); DEIFELT, Wanda. (Org.); MUSSKOPF, André (Org.). *À flor da pele - Ensaio sobre gênero e corporeidade*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004.

_____. STROHER, Marga Janete (Org.); MUSSKOPF, André (Org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade - Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WUENSCH, Ana Míriam. *Christine de Pizan: aprendiz e mestra d'A Cidade das Damas*. In: II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba – Sábias, Guerreiras e Místicas. PPGL/PPGCR/UFPB, 11 a 13 de junho de 2012, p. 3.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. – São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 46.

VARELLA, Clarita Eveline Moraes. *Caminhar para si palavra chave na vida espiritual, existencial e intelectual da autora Marie-Christine Josso*. Poíesis Pedagógica - V.8, N.2 ago/dez. 2010; pp.199-204.